

HERMÍNIO DA CUNHA MARQUES

CARREGAL DO SAL

NO CORAÇÃO DA BEIRA

5.ª EDIÇÃO



HERMÍNIO DA CUNHA MARQUES

CARREGAL DO SAL NO CORAÇÃO DA BEIRA

5.^a EDIÇÃO

EDIÇÃO DA
CÂMARA MUNICIPAL
CARREGAL DO SAL

1.^a Edição - 1986
2.^a Edição - 1995
3.^a Edição - 1998
4.^a Edição - 2001
5.^a Edição - 2005

- Fotocomposto e impresso na Tipografia Lousanense
- Fotografias de Afonso Rocha Pereira
- Capa: Solar dos Albergarias e Casa do Visconde (Oliveira do Conde)
- Desenhos da Câmara Municipal
- Tiragem 2000 exemplares
- Depósito legal n.º 225013/05
- Abril de 2005

INTRODUÇÃO

*N*ASCI numa pequena aldeia do concelho de Carregal do Sal, tendo passado a residir, pouco tempo depois, na sua sede. Ia, porém, de quando em quando, àquele recanto calmo, sossegado, mas de tradições e vincada cultura popular! Profundas recordações ali me prendem ainda e reminiscências ficaram dos ensaios da Tuna, toda instrumental de corda! E o som mavioso dos violinos, bandolins, banjos e violas, e também, quem não se lembra, da guitarra do Horácio, gerou em mim o gosto pela música!...

Era assim a Póvoa de Santo Amaro, uma localidade como tantas outras, espalhadas lés-a-lés por este concelho que comemora os cento e cinquenta anos da sua existência! Aldeias dispersas, entre campos floridos e manchas de verdes florestas, terras de gente simples, de suor no rosto e sorriso nos lábios, e que procuro aqui trazer, de todas um pouco, dos tempos antigos ou da vida actual, pois nenhuma há, por minúscula ou humilde que seja, que não tenha história para contar!...

Sempre gostei de me embrenhar no passado longínquo das povoações e pesquisas venho fazendo, desde há muito, levado também pelo entusiasmo que me transmitiu o insigne e saudoso investigador, que é bom aqui recordar, Afonso Alfeu Pais de Sousa Santos, que me deu o gosto pelos

velhos pergaminhos e a quem rendo a minha justa homenagem!...

Vedado que foi o caminho da canção que tinha para oferecer nas Comemorações dos 150 anos, lancei mãos à obra da presente monografia, numa luta contra o tempo, agravada com a escassez de informações, não obstante as muitas pesquisas já realizadas. E não foi fácil escrever este trabalho, ainda que ligeiro como ele se apresenta. A falta de antecedentes, a ausência de biblioteca ou tomo municipal, as dificuldades na recolha de elementos dos arquivos públicos ou no meio de particulares, inclusive junto de famílias de velha linhagem, o mundo fechado, misto de desinteresse e até de incompreensão, tudo contribuiu para que o meu desejo se diluisse um pouco.

Assim, acaba por surgir uma obra que terá, sem dúvida, imperfeições e lacunas, mas que representa, porém, um enorme esforço dispendido no sentido de algo se escrever sobre o passado e vida actual deste concelho, um rincão que palpita no coração da Beira!...

E fi-lo com dedicação, ou mesmo devoção, impregnada de bairrismo e amor ao torrão onde nasci! Modesto como é, este livrinho, ele será, mesmo assim, um contributo e um subsídio para a história deste concelho. E se não tem o mérito desejado, que usufrua, ao menos, do benefício da boa vontade, na certeza, também, de que é, e acima de tudo, o abraço de um carregalense às terras do concelho, no momento em que festeja os 150 anos da sua existência!...

A despreziosa obra que ora se apresenta, integra-se nas Comemorações desse marco histórico, e nasce, assim, no seio da sua Comissão Organizadora, em que me integrei, e da qual fui o simples operário que assumiu «motu proprio», a responsabilidade por este trabalho, como poderia ter sido outro dos seus prestimosos elementos, que, disper-

so pelas múltiplas actividades empreendidas, sempre me estimularam e incentivaram nesta espinhosa e árdua tarefa, a Maria Amélia Monteiro, o Agostinho C. Santos, o Olímpio D. Tavares, o António Castanheira, o Carlos Alves, o Firmino Ruas e o Ismael P. Norte.

Uma palavra de agradecimento para todos aqueles que colaboraram ou de algum modo me ajudaram, designadamente os párocos do concelho e os meus familiares, meu filho Herminio Alexandre e meu irmão João.

Finalmente, é justo reconhecer, e terei de, vincadamente, aqui referir, a particular atenção devotada pela Câmara Municipal deste concelho, que indicou à Comissão, como prioritário, um trabalho deste género. Sem o apoio da autarquia e do seu Presidente, o bom e velho amigo dos tempos colegiais, Artur Jorge Saraiva Pereira da Silva, não se teria materializado.

Às terras e gentes do concelho de Carregal do Sal, fica, pois, o meu carinho e apreço, e aqui reitero o meu abraço, apenas pedindo um pouco de tolerância para quem, por tanto amar este rincão da Beira, um dia escreveu:

ÉS TU, CARREGAL DO SAL!...

Desses rios de águas cristalinas,
O Mondego e Dão,
De outeiros e pequenas colinas,
De florido chão!

Tendo ao longe serras altaneiras,
De neve a brilhar,
Que te chamam «Coração das Beiras»,
Sempre a palpar!

*De campos de verdes milheirais,
Bebendo ribeiros,
De manchas de vinhas e pinhais,
Jardins e canteiros!*

*O fumo de velhas chaminés,
Nas calmas manhãs,
De aldeias plantadas lés-a-lés,
Que são tão irmãs!*

*De terras de casas solarengas,
E velhos forais,
Carvalhais e Dona Branca, lendas
Que não morrem mais!*

*Templos com túmulos imponentes,
Onde a história mora,
Das ermidas, símbolos presentes
Dos tempos d'outrora!*

*Dum Colégio de fama bastante,
Quem não conheceu?!...
Onde o avô fora já estudante,
E hoje é liceu!*

*Terras duma gente sempre em luta,
Por vezes em vão,
Que no campo, sol a sol labuta,
Conquistando o pão!*

*E dos que, longe, em terras distantes,
Queremos saudar,
Os filhos teus, que são emigrantes,
E sonham voltar!*

*De gente rija, como o granito
Dessas penedias,
E das moças, sorriso bonito,
Ao dar os bons-dias!*

*Mas também da malta para a farra,
Que não tem rival,
Na voz que canta, ao som da guitarra,
Em noite estival!*

*Dos jovens e velhos foliões,
De euforia tal,
Arrastando essas multidões,
No seu Carnaval!*

*Vila dos bons ares e lindo sol,
Sempre jovial,
Nos folguedos, festas, futebol,
Carregal do Sal!*

*Concelho de velhos pergaminhos,
És de Portugal,
E da Beira, um dos seus cantinhos,
És tu, Carregal!...*

HERMÍNIO DA CUNHA MARQUES

No aspecto orográfico, é um concelho sem elevações, quase plano, que descai, tão somente, e de forma bastante suave, para os vales dos Rios Mondego e Dão. É atravessado por ribeiras e pequenos cursos de água (ribeiros e regatos) que, com o clima ameno de que disfruta, dão fertilidade ao seu solo. E é do solo que vive uma boa parte da sua população.

Assente em chão granítico, a propriedade é muito dividida (minifúndio), com uma diversidade de culturas, sobressaindo a da batata, do milho, do feijão, da vinha, produzindo ainda grande parte das frutas e legumes, geralmente consumidos em nossas casas.

Os terrenos de cultivo são, porém, rodeados de extensas manchas de floresta, especialmente pinheiros; que, infelizmente, e no último decénio, têm sido pasto de chamas, nos incêndios estivais, a maioria deles, no consenso comum, de origem criminosas.

A produção de vinho e azeite é muito importante, sobressaindo o famoso Vinho do Dão, com uma posição de relevo neste núcleo central da Zona Demarcada onde se situa.

As árvores de fruto, muitas e variadas, desenvolvem-se em terrenos de outras culturas, embora, nos últimos anos, se fosse intensificando um tanto a implantação de pomares, especialmente de macieiras e pessegueiros.

O concelho tem um clima ameno, agradável, de altitude reduzida (302,63 metros), sendo, em tempos, aconselhados os seus ares sadios aos doentes pulmonares, que, para aqui demandavam, em grande número, na busca das suas curas.

Como concelho do interior que é, nesta Zona Centro do País, a sua temperatura é quente, suportável, no verão, e fria, sobre o seco, mas suave, no inverno, tornando-se dura

e agreste quando a neve cobre o Caramulo, o que raro acontece.

O concelho de Carregal do Sal é atravessado, quase a meio, por duas importantes vias internacionais — a ferroviária (Linha da Beira Alta) e a rodoviária (Estrada Nacional n.º 234), uma e outra de acesso à fronteira, em Vilar Formoso, a cerca de 150 km, e principais elos de ligação com os países da Europa.

Nestas duas vias está, em boa medida, o progresso do concelho, especialmente da sua sede, que, por elas atravessado, muito se estendeu e desenvolveu no século que decorre.

Assinale-se, ainda, a importante rede de camionagem que serve o concelho, com transportes directos para Lisboa, e com carreiras entre a sua sede e *Viseu, Nelas, Santar, Oliveira do Hospital, Tábua e Vila Chã* (via Midões), além de outras, fazendo com que a estação dos caminhos de ferro de Carregal do Sal usufrua hoje de um intenso movimento de passageiros e mercadorias.

Como foi referido, parte da população do concelho vive ainda da agricultura, aliada à pecuária, todavia, aquela, em boa medida, por métodos tradicionais, e esta, sem expressão notória.

Nas últimas décadas surgiram, porém, algumas unidades fabris, sobressaindo, além de outras, a indústria de móveis que, a par das tradicionais serrações de madeira, aproveitam a riqueza florestal do concelho, hoje com enormes feridas, causadas pelos já referidos incêndios, que tanto têm flagelado a nossa região. Voltaremos, adiante, a este tema.

Embora de forma lenta, vislumbra-se a industrialização do concelho, com privilégio, como é natural, para a sua sede, onde, a par da sua magnífica localização, se concentra a maior parte dos serviços administrativos, incluindo repartições públicas e instituições de crédito, contando-se ainda

com as escolas, preparatória e secundária, e disfrutando, também, de um melhor comércio, e com feiras semanais de acentuado movimento.

Cabe aqui referir que o concelho de Carregal do Sal disfruta de uma rede de estradas asfaltadas e em bom estado de conservação, ligando todas as suas povoações. São de realçar dois importantes eixos rodoviários, o da estrada n.º 234, no sentido nascente-poente, e o da estrada que do Dão segue ao Mondego, atravessando Oliveirinha, onde se cruzam, e unindo, assim, os extremos, norte-sul deste concelho, coincidindo, aliás, com os do antigo e extinto concelho de Oliveira do Conde, zona populosa e fértil, sobre a qual, por curiosidade, vamos transcrever uma passagem do livro «Beira Alta — Terra e Gente», de A. Lucena do Vale, Edição da Comissão Municipal de Turismo — Viseu — 1958, págs. 96 e 97. Diz assim:

«Transposto o Rio Dão, atravessamos agora uma das zonas mais ricas e populosas da Beira — Beijós, Cabanas e Oliveira do Conde — terras fartas de tudo, até de gente grada que, pelo sangue ou talentos singrou em todos os tempos pela vida fora, na política, nas letras, nas profissões liberais: Ornelas, Albergarias, Frois, Ribeiros, Abranches, Correias de Lemos, Teixeira de Abreu, Olavos, Homens, Lobos, Soverais, Abranches Pintos, Sousas Mendes, Pintos de Campos, Figueiredos Lobos.»

A situação geográfica do concelho de Carregal do Sal, as boas vias de acesso, o clima, as suas belezas naturais, com as suas manchas florestais, os seus rios e ribeiros, e um pedaço da Barragem da Aguieira para a prática de pesca e desportos náuticos, a par da ancestral hospitalidade das suas gentes, são um conjunto de factores que acabarão por atrair o investimento e o turista, abrindo os caminhos para esta região, potencialmente rica de valores, mas, até aqui, infelizmente, votada ao abandono!

CAPÍTULO II

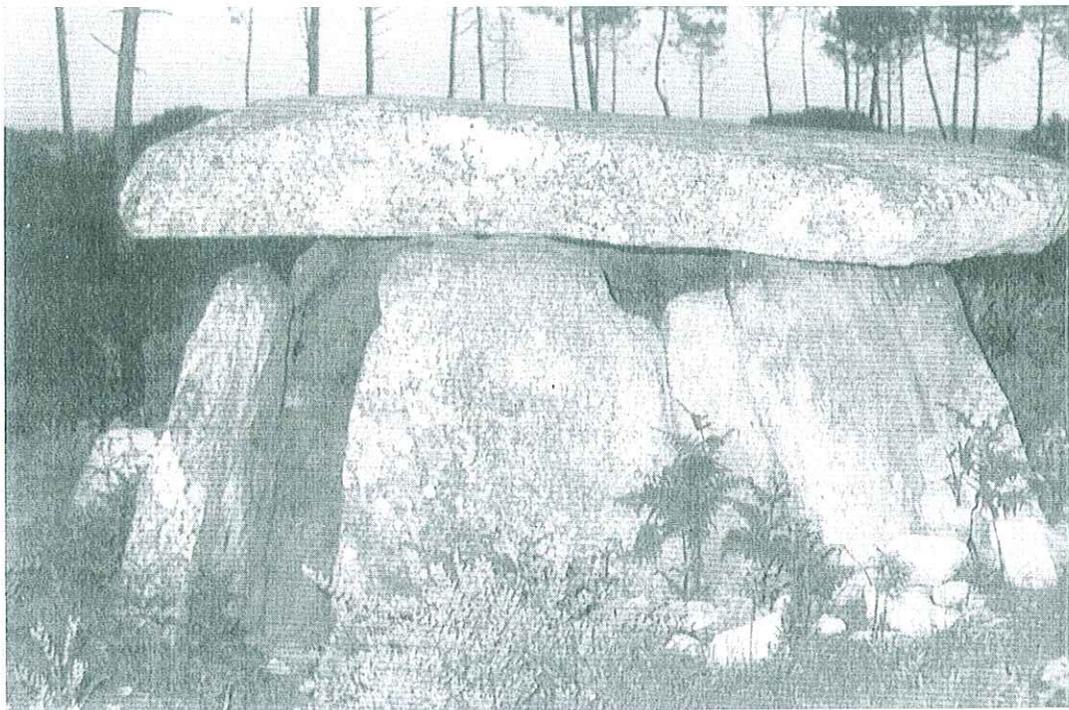
RESENHA HISTÓRICA

a) TEMPOS ANTIGOS

INSERE-SE o concelho de Carregal do Sal numa zona da Península Ibérica, berço da antiga Lusitânia, sendo muitos os testemunhos históricos da passagem dos primitivos invasores.

São, porém, como, aliás, acontece com grande parte do solo nacional, os romanos que marca mais vincada deixaram por terras deste concelho.

Dos antigos povos ficaram antas (Orca, Lapa da Moura, as mais importantes), achados arqueológicos em São Sebastião (freguesia de Currelos) e outros, recentemente, descobertos na freguesia de Beijós, pedaços, visíveis ainda, de uma antiga estrada, nos limites da Azenha, os vestígios da via romana que ligava a hoje denominada Região de Lafões com os portos mediterrâneos do sul de Espanha. Esta via atravessava o Caramulo, passando depois por terras do antigo concelho de Currelos, onde, bem perto da actual Ponte do Caldeirão, no Rio Mondego, outra teria existido, como parece atestar uma pedra de granito, dali transportada para a Póvoa de Midões (Tábua) e que, colocada na parede de um edifício, à beira da rua principal, contém, e



FIAIS DA TELHA — Dolmen ou Anta da Lapa da Orca
(Monumento Nacional)

ainda hoje se pode ver, a seguinte inscrição latina: «IMPERATORI TITO PONTEM AEDIFICAVIT SEVERUS VIVI FILIUS» («Severo, filho de Vivo, fez a ponte ao Imperador Tito»).

A Ponte teria sido construída pelo Imperador Tito no ano 79 da Era de Cristo.

Esta via seguia depois, passando por Midões (Tábua), Bobadela (Oliveira do Hospital), rumo à Serra da Estrela, descia a Manteigas, Belmonte, seguindo depois para Mérida, capital da Lusitânia, em Espanha, e dali para Sevilha (Hispalis), e finalmente Roma, através de Cadiz e outros portos do Mediterrâneo.

Era uma via importante de transporte de matérias-primas para Roma, como acontecia com o chumbo das minas

de Sever do Vouga e Talhadas, e objecto de um aprofundado estudo do saudoso investigador deste concelho, Afonso Alfeu de Sousa Santos.

Com a invasão árabe, no tempo de Almançor, toda a região teria sido devassada, sendo de realçar, na sua passagem por este concelho, a interessante lenda que ficou da Nossa Senhora dos Carvalhais, e a que, mais adiante, nos referiremos.

Parcos são, porém, os escritos colhidos sobre os tempos antigos, especialmente em relação ao período que precede a Nacionalidade Portuguesa.

Um manto espesso envolve o passado das primitivas terras e gentes do concelho. Não existem nos arquivos municipais, paroquiais ou outros conhecidos, documentos que dissipem tão denso nevoeiro, sendo certo que, também, poucos foram os interessados em rasgar o mistério dos primeiros aglomerados que foram povoando os actuais limites deste concelho.

Uma palavra, porém, de apreço e gratidão ao grande e devotado entusiasta, o bom amigo e saudoso Afonso Pais de Sousa Santos, a que já me referi, com quem mantive contactos muito preciosos e que hoje muito me ajudam neste modesto trabalho.

Sabe-se, porém, que esta era uma zona próspera e, portanto, muito cobiçada.

Os dois extintos concelhos — Currelos e Oliveira do Conde — tiveram o seu povoamento anterior à Nacionalidade Portuguesa, tendo sido pedaços preciosos da antiga Lusitânia.

Aqui, por esta região, se desenvolveram lutas com os povos invasores, designadamente, os romanos, a quem ficou ligada para sempre a história e lenda de Viriato, Pastor dos Montes Hermínios (Serra da Estrela), o heróico resistente!

Não admira, portanto, que alguns dos seus núcleos populacionais sejam de origem remota, como atestam os vestígios antes referidos (dólmenes ou antas, achados arqueológicos, restos de estrada e ponte romana). E se os velhos escritos nos testemunham a doação, em 1105, das terras de Currelos, pelo Mosteiro de Lorvão, a Lenda da Senhora dos Carvalhais nos comprova, também, a existência de núcleos populacionais nos princípios do século XI da Era de Cristo!...



BEIJÓS — Lagareta Romana descoberta nas Riachas (Beijós)

(Do jornal «Arauto») nal «Arauto»

Não obstante a penumbra que envolve os antigos povoados deste concelho, por inexistência de documentos ou dificuldades patentes na recolha de dados, algo, porém, se encontrou já e que vai permitir-nos abrir um pouco o

vêu do seu longínquo passado e da longa história da sua vida.

Foi uma ligeira e breve, embora difícil, pesquisa, mas que nos trouxe, porém, alguns preciosos elementos. A eles, adiante, nos vamos reportar, em breves traços, ao marcarmos o «Roteiro» por terras do nosso concelho!

Antes, porém, vamos falar da criação do actual concelho de Carregal do Sal e de alguma história daqueles que o precederam.

b) O NOVO CONCELHO

Carregal do Sal

Concelho criado pela Reforma Administrativa de Passos Manuel, em 1836 (Decreto de 6 de Novembro), sucessor do antigo concelho de Currelos e que passou então a integrar também, por extinção, o concelho de Oliveira do Conde.

Em 1895, juntou-se-lhe a freguesia de Parada do então extinto concelho de São João de Areias, ficando, a partir daí, com as suas actuais dimensões.

De notar que as freguesias de Papísios e Sobral, eram terras do termo da cidade de Viseu, que, em 6-11-1836, se haviam também já integrado no concelho do Carregal.

O concelho do Carregal pertencia então ao Distrito Administrativo de Coimbra e era Julgado da Comarca de Arganil. Tinha 2331 fogos (Reforma Judicial de 29-11-1836, no Diário do Governo, n.º 292, de 9-12-1836).



SÃO SEBASTIÃO — Vista local, com a Capela de São Sebastião

c) OS EXTINTOS CONCELHOS

Currelos

Currelos era concelho muito antigo, que segundo o estudioso e investigador Afonso Pais de Sousa Santos, teria tido o seu primitivo núcleo, de origem romana, no local hoje designado por São Sebastião.

Denominado, nos tempos mais remotos, por Ulveira de Currelos, depois Oliveira de Currelos — evolução etimológica de «Ulveira» (terra funda, de lameiro), talvez por afinidade sónica com oliveira, assim veio a escrever-se — as suas terras férteis, e, portanto, muito cobiçadas, foram cedidas pelo Conde Dom Henrique ao Mosteiro de Lorvão, e por este doadas, em 15 de Novembro de 1105, a Garcia

Vanding e mulher Elvira Goding, para que eles e seus sucessores, as povoassem, reedificassem e cultivassem sob o Senhorio do Mosteiro.

Currelos, com as terras produtivas que a nobreza punha em sua mira, foi mais tarde pertença dos Condes de Sortelha e dos Condes de Vila Nova de Portimão. E este concelho tinha como povoações, *Carregal*, *Casal da Torre* (ou, simplesmente, a Torre, onde existiu o lendário Torreão ou Castelo de Dona Branca, e a que adiante faremos referência), a *Vila da Cal*, anteriormente denominada apenas «Cal», vinda de «canalle» (caneiro), e que teria sido a sede do antigo concelho, e *Casal Mendo*, em princípio, Casal do Mendo (do antigo senhorio Mendo Sanches).

Oliveira do Conde

Oliveira do Conde, concelho também muito antigo e próspero, teve, segundo Pinho Leal, foral de Dom Dinis, em 1286, e foral novo de Dom Manuel, em 20 de Dezembro de 1516. A sua área ocupava as actuais freguesias de Oliveira do Conde, Cabanas e Beijós.

Foi assento dos Condes de Sortelha, passando depois para os Condes de Vila Nova de Portimão e Marqueses de Abrantes.

Berço de antiga e ilustre fidalguia, do seu fausto e velho esplendor, alguns resquícios chegaram aos nossos dias, podendo ver-se ainda hoje alguns solares, o pelourinho e a Igreja Matriz, contendo o túmulo de FERNÃO GOMES DE GÓIS. No conjunto, dois monumentos nacionais. Adiante lhe faremos referência, bem como às várias e antigas povoações do extinto concelho.

Assinale-se, como curiosidade, os últimos autarcas nomeados, do velho concelho — Administrador, Francisco d'Abrantes Neves e Brito, Substituto, Joaquim Garcia Mascarenhas (Diário do Governo, n.º 176, de 27 de Julho de 1836).

d) CONCLUSÃO

Como já referimos, Carregal do Sal, dantes, simplesmente, Carregal, evoluiu mercê da sua situação geográfica e das suas excelentes vias, de ligação internacional, a que juntaremos o «monopólio» que detinha do comércio do sal numa vasta região, e que, pelo interesse que teve para o concelho, à frente faremos referência muito especial.

A sua preponderância foi-se, assim, impondo, até que em 6 de Novembro de 1836, se tornou na vila e concelho do Carregal.

De então para cá, o seu progresso foi aumentando, muito tendo contribuído, a par do seu clima, a Linha do Caminho de Ferro da Beira Alta e a velha estrada de acesso à fronteira, cujo traçado foi corrigido e melhorado no final do século passado e é hoje uma importantíssima via de comunicação com o centro da Europa.

É a seguinte a constituição heráldica das armas, bandeira da Câmara Municipal de Carregal do Sal, segundo o parecer da Associação dos Arqueólogos Portugueses:

Armas: de negro, com um cacho de uvas de púrpura, folhado e troncado de ouro. Em chefe, duas romãs de ouro folhadas e troncadas do mesmo e abertas de vermelho. Coroa mural de prata de quatro torres.

Bandeira: esquartelada de amarelo e de púrpura.

Selo: circular.

Diário do Governo

SEXTA FEIRA 9 DE DEZEMBRO.

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS ECCLÉSIASTICOS E DE JUSTIÇA.

SENHORA! — A prompta Administração da Justiça é uma das primeiras necessidades publicas, e deve por isso merecer a particular attenção do Governo de Vossa Magestade. A Administração da Justiça em Portugal exige immediatas providencias, que façam conhecer os benefícios reaes provenientes da nova Organização Política do Reino. Os Povos lamentam a distancia em que se acham dos seus Juizes, o longo tempo da duração dos pleitos, apesar de desembaraçados dos enredos forenses, e a confusão da Legislação, relativa á ordem do processo. Innumeraveis são as representações feitas ao Governo, e vehementes foram as dirigidas pelas Juntas de Districto.

Vossa Magestade já em Novembro do anno passado tomou este objecto na Consideração que elle merece, nomeando uma Commissão que redigisse o Projecto geral da Organização Judicial, e do Processo; trabalho que foi presente a Vossa Magestade, e que mereceu a Sua benevola Approvação.

Este Projecto tem sido novamente examinado, mas a sua indispensavel extensão, porque abrange todo o ramo judicial, torna impossivel a sua total e immediata publicação; e por isso o Governo de Vossa Magestade, instado pela necessidade, deliberou offerecer á Sanção de Vossa Magestade cada uma das partes da reforma que podesse soffrer divisão, para não privar por mais tempo os Povos do bem immediato que deve resultar.

Taes são os motivos por que o Governo tem hoje a honra de apresentar á Sanção de Vossa Magestade no seguinte Projecto de Decreto a primeira parte da reforma judicial, que contém a Divisão Judicial do Territorio, e a Organização do Pessoal para a Administração da Justiça; e incessantemente terá a honra de apresentar a segunda e terceira parte, que contém a reforma do Processo Civil, Ordinario e Summario, e do Processo Criminal.

Secretaria d'Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça, em 29 de Novembro de 1836. — *Vicente de Sá da Bandeira.* — *Manoel da Silva Passos.* — *Antonio Manoel Lopez Vieira de Castro.*

Tomando em Consideração o Relatório dos Secretarios d'Estado: Hei por bem Decretar o seguinte:

N.º 2.

Mappa dos Concelhos, ou Julgados comprehendidos em cada um dos Districtos Administrativos, e suas respectivas Comarcas.

DISTRICTO DA RELACÃO DO PORTO.

Organização das Comarcas comprehendidas no Districto Administrativo de Coimbra.

N.º VII.

Comarca de Arganil;

Concelhos.	Fogos.
Arganil.....	1:533
Avô.....	1:062
Carregal, ou Correlhos.....	2:331
Coja.....	1:403
Santa Comba Dão.....	1:765
Fajão.....	744
Farinha Podre.....	1:311
Goes.....	1:265
Miões.....	1:276
Oliveira do Hospital.....	1:451
Pampilhosa.....	1:351
Taboã.....	1:079

Summa 16:571



CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO
DE CARREGAL DO SAL
(Constituição Heráldica)

Passamos a incluir alguns elementos relativos ao concelho do Carregal, após a sua criação em 1836.

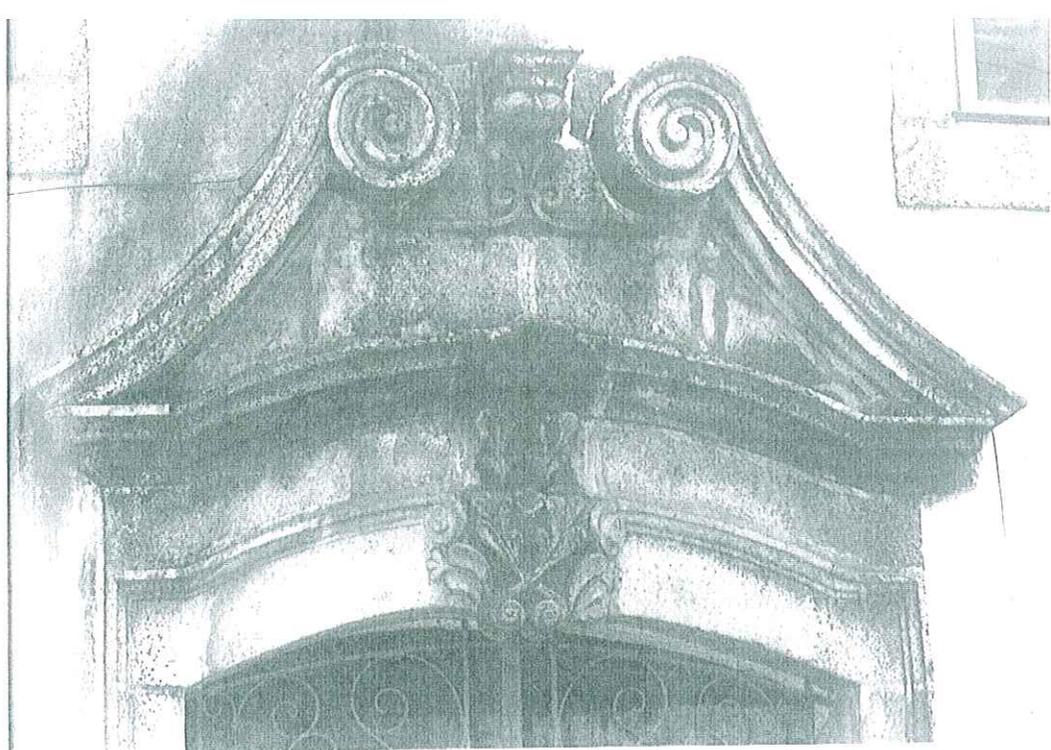
O concelho do Carregal, como foi referido, nasce da Reforma Administrativa de Passos Manuel, de 6 de Novembro de 1836.

Como se verifica pelo documento que antecede, poucos dias depois, a Reforma Judicial de 29 de Novembro de 1836, já contém o concelho do Carregal ou Correllos, como Julgado da Comarca de Arganil, distrito administrativo de *Coimbra*. Oliveira do Conde já não figura então como concelho.

Vejamos alguns apontamentos sobre factos, de carácter oficial e que se passam nos primeiros meses de vida do nóvel concelho:

— Por Decreto de 17 de Janeiro de 1837, da Secretaria de Estado dos Negócios Eclesiásticos e de Justiça, Carregal ou Correllos (ainda assim figura), é desanexado da comarca de Arganil, passando à comarca de Tondela ou Besteiros (Diário do Governo, n.º 26, de 31-01-1837);

— Em 2 de Maio de 1837, pelo Tesouro Público. ANTÓNIO PAES, é nomeado Recebedor do Concelho do Carregal—Contadoria do Distrito de Coimbra (note-se que, agora, já figura apenas *Carregal*—Diário do Governo, n.º 105, de 5-05-1837);



CARREGAL DO SAL — Portão abronado da antiga Casa de Britos e Faro
(hoje dos herdeiros do Dr. Manuel da Costa)

— Por Decreto de 16 de Janeiro de 1837, publicado no Diário do Governo, n.º 111, de 12 de Maio de 1837, da Secretaria de Estado dos Negócios Eclesiásticos e de Justiça, é nomeado escrivão e tabelião do Julgado do Carregal, JOÃO DE ABRANCHES;

— No Diário do Governo, n.º 125, de 30 de Maio de 1837, vem publicada a Lista n.º 238, com a descrição de 9 prédios rústicos, próprios nacionais, a vender por arrematação, em praça, no limite de Vila Meã, concelho do Carregal.

A Reforma Administrativa de 1844 traz o Carregal já integrado no *Distrito de Viseu*, então constituído pelos seguintes 36 concelhos: — Aregos, Armamar, Lamego,

Leomil, Penalva do Castelo, Resende, Barcos, Caria e Rua, Carregal, Castro Daire, Santa Comba Dão, Ferreiros de Tendaes, Fonte Arcada, Frágoas, São João de Areias, São João do Monte, Mangualde, S. Martinho de Mouros, S. Miguel do Outeiro, Mões, Moimenta da Beira, Mondim, Mortágua, Oliveira de Frades, S. Pedro do Sul, S. Fins, Sátão, Sernancelhe, Cinfães, Sul, Tabuaço, Tarouca, Tondela, Trevões, Viseu e Vousela.

Só em 1895, quando da integração da freguesia de Parada, do então extinto concelho de São João de Areias, o concelho do Carregal ficou com o seu actual território, passando depois a designar-se por Carregal do Sal.

A título de curiosidade, vamos agora referir os Presidentes da Câmara Municipal deste concelho, ao longo do século que decorre:

ALBERTINO DE PINHO FERREIRA (1897 a 1900);

THOMÁS RIBEIRO FERNANDES (1901 a 1904);

ALBERTINO DE PINHO FERREIRA (1905 a 1909);

JOÃO MARQUES DOS SANTOS (1910);

ANTÓNIO LOPES FIGUEIREDO (1910/1911);

JOSÉ CAMPOS PAIS DO AMARAL (1912 a 1917);

ALBERTINO DE PINHO FERREIRA (1918/1919);

DR. JAIME GARCIA DE MASCARENHAS (1919 a 1922);

LUCIANO DE PÁDUA PINTO SIMÕES (1923 a 1925);

JÚLIO PAIS DE MELO (1926/1927);

CARLOS AMADEU RODRIGUES DE MOURA (1927);

EDUARDO GOMES DE FIGUEIREDO (1927);

DR. MANUEL DA COSTA (1927 a 1930);
ALFREDO ALVES DOS SANTOS (1931/1932);
DR. ANACLETO DE SOVERAL SOARES DE ALBERGARIA (Administrador);

THOMÁS RIBEIRO CASTANHEIRA (1933 a 1935);

ANÍBAL PAIS ESTEVES (1936);

ALFREDO AMADOR E MELO (1936/1937);

DR. HERMENEGILDO ALBERTINO DE SOUSA (1938);

DR. JAIME GARCIA DE MASCARENHAS (1939/1940);

DR. MANUEL FAIM PESSOA (1941/1942);

ALBERTO DE CASTRO GALHARDO (1943 a 1945);

ALFREDO AMADOR E MELO (1946);

DR. AMADEU VICTOR DE MIRANDA MONTEIRO (1948);

DR. JOSÉ DE MELO COELHO CABRAL (1951 a 1958);

DELFIN PINA (1959 a 1966);

DR. JOSÉ AUGUSTO CAPELO (1967 a 1974);

DR. ARISTIDES DE RESENDE NUNES D'AGUIAR (1974);

JOSÉ MENDES RODRIGUES DA SILVA — Presidente C. Administrativa (1974);

ARTUR JORGE SARAIVA PEREIRA DA SILVA (a partir de Novembro de 1975).

CAPÍTULO III

O ASPECTO SÓCIO-ECONÓMICO E CULTURAL ARTESANATO E CULINÁRIA

JÁ referimos que Carregal do Sal, mercê da sua situação geográfica e das boas vias de comunicação, se desenvolveu rapidamente. Não disfruta, porém, de comércio importante, e também não se instalou aqui a grande indústria, mas no aproveitamento dos recursos florestais, algumas unidades fabris começaram a surgir, há décadas já, em princípio, de serração de madeiras e hoje inseridas numa melhor e mais rendosa utilização desta matéria-prima, inclusive a preparação de pasta para exportação, especialmente de pinho, dadas as grandes matas que o concelho possuía e possui ainda, mas que, lamentavelmente, os fogos na época estival, a maioria de origem criminosa, vão destruindo, ano após ano.

Também, no aproveitamento da floresta, a indústria do fabrico de móveis instalou-se e desenvolveu-se no concelho, contando-se hoje várias unidades fabris e de comércio de mobílias, sobressaindo a obra em talha, com trabalhos

apreciadíssimos, sendo numerosa a clientela que, de vários pontos do País, aqui busca objectos ou peças de interesse ou o restauro de preciosas mobílias de estilo.

Há bem pouco tempo ainda surgiu, na vila sede, uma nova unidade fabril, hoje em franco progresso, encetando a indústria de confecções.

Mas, como referimos no início deste trabalho, é da agricultura, aliada à pecuária, que ainda hoje vive boa parte da população deste concelho.

De Carregal do Sal, vila, não poderemos falar muito das suas tradições ou da cultura secular das suas gentes. Também, no aspecto etnográfico, não se vislumbram campos de interesse, e não são muitas as associações ou colectividades instaladas. Instituições há, de natureza humanitária ou beneficente, como a Associação dos Bombeiros Voluntários, a Santa Casa da Misericórdia, e também desportivas, como o clube de futebol e algumas associações recreativas e de fomento cultural.

Mas o concelho tem património cultural e artístico de interesse, arreigado de velhas tradições, como adiante iremos relatar. E boa parte das povoações têm hoje as suas associações culturais e recreativas, algumas com os seus clubes desportivos (geralmente futebol) em actividade.

O Carregal disfruta de um belo e espaçoso Pavilhão Gimnodesportivo, e, neste momento, decorrem as obras de grande vulto do que virá a ser um dos maiores e melhores Parques de Jogos desta Zona.

No campo do ensino, Carregal do Sal tem, no escalão mais alto, o secundário, com a Escola, a nascente da vila, sucessora do antigo e famoso Colégio de Nuno Álvares, cujo nome e real valia ultrapassaram mesmo a região centro do País.

O artesanato foi-se perdendo com os tempos, e hoje, pouco ou nada resta. Não falaremos já do linho, que também aqui se cultivava e manufacturava (foros dos moradores do Carregal documentados). Desaparecidos, dum passado ainda não muito distante, os objectos de barro (cântaros e púcaros), de verga ou vime (cestos e açafates), de tecelagem (colchas e cobertas), existem hoje, ainda, como que raridades, ferreiros, latoeiros, tanoeiros e similares.

No campo da culinária, sobressaem alguns pratos regionais e acepipes locais, alguns dos quais, Maria de Lourdes Modesto incluiu, com honras de fotografia, no seu livro «Cozinha Tradicional Portuguesa».

Este concelho possui bom «Queijo da Serra da Estrela», em cuja Região Demarcada se integra, queijo esse que se fabrica de forma artesanal, nas aldeias dispersas e também em modernas unidades industriais. Aqui se confecciona o saboroso «Chouriço Caseiro», assim denominado, e deliciosas morcelas de sangue. Aqui se coze a conhecida broa de milho, à moda antiga e se preparam excelentes pratos de cabrito assado e de chanfana. E tem o famoso Vinho do Dão para molhar tão apetitosos acepipes.

Mas se o visitante, ou o turista, se deslocar às suas feiras semanais (as primeiras do mês dentro da vila e a última no aprazível local dos Carvalhais) encontrará, também, os saborosos torresmos, preparados ali mesmo, entre as chamas e o fumo das enormes fogueiras, espalhadas pelo recinto.

Também no capítulo da doçaria e pastelaria, aqui se preparam deliciosas iguarias.

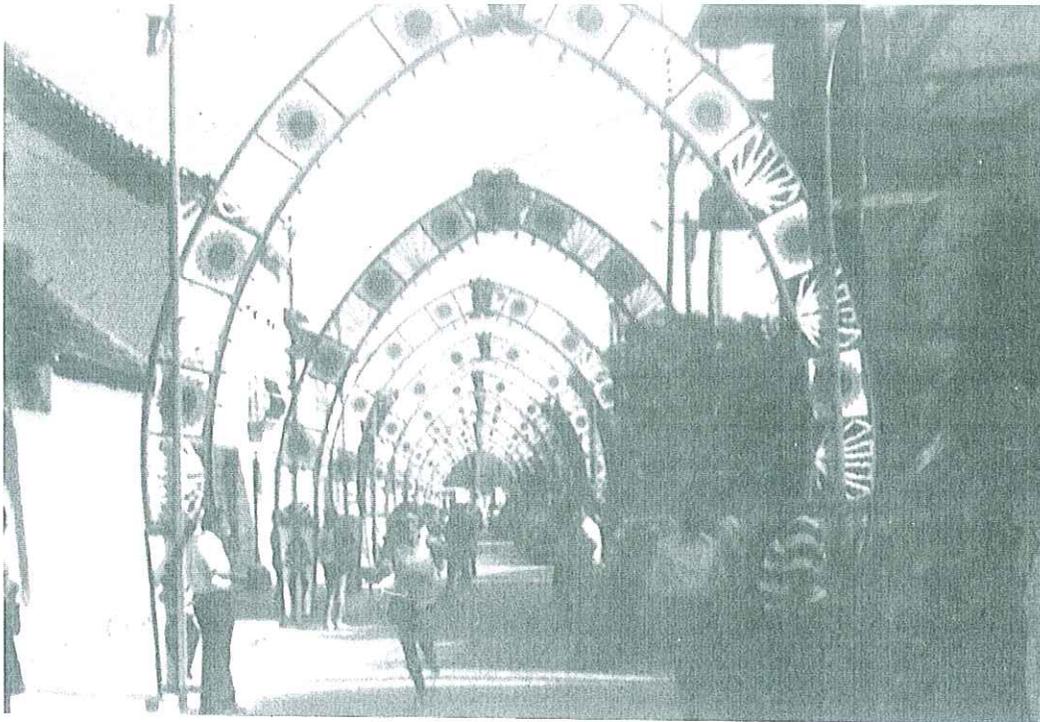
CAPÍTULO IV

AS TRADIÇÕES FOLCLORE E CULTURA

O concelho de Carregal do Sal, com povoações muito antigas, algumas de importância relevante nos tempos passados, tem, como é natural, o seu historial, tecido de velhos costumes, lendas, tradições, que chegaram ainda aos nossos dias.

E não há, aqui ou em qualquer outra parte, lugarejo, por mais pequeno ou humilde que seja, que não tenha a sua história, baseada em factos, hoje postos em análise, de realidades passadas, desde os marcos que ficaram das suas origens, como um troço duma via romana, uma sepultura cavada na rocha, os achados arqueológicos, como sejam lápides, ferramentas ou peças de cerâmica, arrancadas ao solo milenário, passando pelos séculos de vida, no testemunho de um templo em ruínas, de uma fonte, artisticamente lavrada e, hoje, seca e abandonada, até aos costumes e lendas que ficaram e aos trajos e danças e cantares que os avoengos foram legando às gerações vindouras e hoje ainda estão connosco!

Não se constata, em boa verdade, neste concelho, um folclore de raiz profunda, puro, genuíno, mas, sim, inserido



TRADICIONAIS FESTAS DOS BOMBEIROS (Hoje «FESTAS DO CONCELHO»)
Típico e popular cartaz da Beira, arrasta verdadeiras multidões

nesta zona da Beira em que se encontra, e alguma canções tradicionais que aqui se cantam ouvem-se, igualmente, tanto nos concelhos vizinhos, como em Mangualde ou na Lousã.

Faltam, actualmente, no concelho, ranchos folclóricos organizados, verdadeiramente, dignos desse nome, pese, embora o esforço e o entusiasmo que começa a despertar, de agrupamentos ainda jovens, mas muito promissores, de aldeias dispersas como Laceiras e Pinheiro. Outros, mais antigos, ainda há pouco em actividade, estão hoje, praticamente parados. Também desapareceram as antigas e famosas tunas, à base de instrumental de corda, e que foram apanágio de algumas povoações, como Vila Meã, Parada, Póvoa de Santo Amaro.

Mas as gentes destas localidades gostam da dança, dos seus ranchos, e facilmente se mobilizam, como quando



CARNAVAL — Festa de sabor intensamente popular, que muito se vive neste concelho

chega o Carnaval, em que boa parte das aldeias põe na rua as suas marchas e contradanças, o folclore e o burlesco à mistura, aqui salientando, pelo seu passado e tradição, Vila Meã, Travanca, Parada, Papísios, Fiais da Telha, Beijós e Cabanas.

Os povos da freguesia de Currelos, designadamente, Casal da Torre, Vila da Cal e Casal Mendo, têm, por tradição, pelo Carnaval, as cegadas, quadros vivos, a rir e a brincar, de acontecimentos ou facetas locais (ou mesmo nacionais), sempre de vasto auditório e interesse, que a Televisão e a Rádio já daqui têm divulgado, mostrando e difundindo a todo o País.

E já que falámos do carnaval, quadra festiva que, neste concelho, marca posição de relevo, fruto do ancestral espírito alegre e folgazão das suas gentes, não podemos esque-

cer a tradição das rusgas nocturnas, dos sorteios dos compadres e comadres, das caqueiradas e partidas entrudescas, que se processam nas duas semanas que precedem os três derradeiros dias do reinado folião.

Ainda dentro do mesmo espírito alegre, prazenteiro, poderemos referir, também, perante o trabalho duro e árduo dos campos, o ambiente, quase festivo, que se lhe procura imprimir, especialmente por ocasião das sementeiras, das vindimas, da apanha da azeitona. Então, os cantares das raparigas, às vezes em desafio ou competição de grupo, elevam-se nos ares, juntando as bonitas vozes à beleza dos campos floridos, cortados por ribeiros ou orlados de florestas de verde pinho.

E nos dias estivais, à noite, quando o calor aperta, ainda hoje se ouvem improvisados corais, nas escadarias, nos largos, ou junto às fontes, às vezes, interrompidos ou trocados por cantigas à desgarrada, ao som da concertina ou harmónica de boca, e até, pela calada da noite, uma voz timbrada que vem lembrar que ainda não morreram por estas terras as antigas serenatas!...

Quase todas as terras do concelho têm a sua romaria, manifestação, bem expressiva, de culto e de bairrismo, que é também de visita e de convívio, e no maior ou menor movimento da sua festa religiosa, há sempre a tradição que se repete, anualmente, na banda que toca, na solene procissão, no leilão das fogaças e até nos lautos farnéis, digeridos à sombra do arvoredol!...

Mas há, no concelho, outras antigas e velhas tradições que os tempos não levaram, como aquela que se vive pelo São Martinho, com os magustos, a começar pelas crianças das escolas. E se «as castanhas e vinho» ou o «enxertar do pipinho» são tradições de todo o Povo Português, também, por estas terras, chegaram ainda aos dias de hoje, os res-

quícios do velho costume de, nesse dia e na véspera, pela noite adiante, se festejar o São Martinho com a «marcha» barulhenta que dezenas de populares vão fazendo, empunhando e tocando, a compassado ritmo, desde minúsculas e agudas campainhas até aos enormes e graves chocalhos, ouvindo-se esta «sinfonia» infernal a quilómetros de distância!...

Neste concelho, mantêm-se ainda outras tradições de índole religiosa.

Pela Páscoa, ressalte-se a festa e benção dos Ramos e a Visita Pascal, com o «Beijar da Cruz» que ainda se pratica.

Pelo Natal, assinale-se a Missa do Galo, à meia noite, nas igrejas das paróquias, a «Adoração do Menino», e as Fogueiras, nos largos públicos ou adros dos templos.

No Casal da Torre, no adro da Igreja Matriz da Freguesia de Currelos, todos os anos, os mordomos encarregados, juntam uma enorme pilha de troncos de árvores, que, festivamente, vão buscar aos soitos e pinhais, e ali se acende uma gigantesca fogueira, cujas chamas se elevam a muitos metros de altura, constituindo um espectáculo vivo, impressionante, ao longo da noite, com dezenas de populares à volta, confraternizando, que dali não arredam pé e que a fogueira vão compondo para que não esmoreça até de manhã!... E por vezes dura uma semana!...

Não queremos deixar de nos referir, também, aos Jogos Tradicionais que no concelho se praticam, como o Jogo da Malha, a Bilharda, Às Escondidas, a Cabra Cega, o Fito, e ainda as arceigadas competições de «Corridas de Sacos», «Corridas de Cântaros», «Quebra de Panclas», «Subida ao Pau Encebado», etc.

Falámos de velhas tradições que chegaram aos nossos dias, o folclore, os costumes, os jogos, a cultura das gentes deste concelho.

Muito mais teríamos para dizer dos velhos povoados, até das «Alminhas» espalhadas, lés-a-lés, neste concelho, onde lendas se formaram, e que gerações foram contando com um cunho de realismo. E muitas são essas lendas, embora apenas duas mais conhecidas («Lenda de Dona Branca» e «Lenda da Senhora dos Carvalhais») se insiram neste modesto trabalho.

Do cancionero popular, muito dentro da região em que se insere, como já foi referido, não tivemos oportunidade de recolher algumas canções tradicionais, que estarão na memória da gente mais idosa, sendo certo que existem trajes e indumentária antiga de muita valia, tendo já saído peças para enriquecimento de ranchos folclóricos da região. Esperamos que a criação do Museu do Concelho, já delimitada, contribua para a preservação do seu património cultural e artístico.

Resta-nos, para terminar, referir o espírito aberto, franco e comunicativo do povo deste rincão, que, generoso e sabendo bem receber, consegue cativar e prender o visitante, num exemplo bem vivo e fecundo da ancestral hospitalidade das gentes da Beira!...

CAPÍTULO V

A VILA SEDE DO CONCELHO E A FREGUESIA

a) AS ORIGENS DO NOME CARREGAL DO SAL

A vila, sede do concelho do mesmo nome, implantada em zona plana, entre as vertentes dos Rios Mondego e Dão, estende-se cerca de 3 km ao longo da Estrada Nacional n.º 234, principal eixo rodoviário de ligação com os países da Europa. A Linha do Caminho de Ferro da Beira Alta, de igual modo, a mais importante via ferroviária no campo internacional, acompanha-a em toda a sua extensão, e a estas duas vias de acesso e à situação geográfica invejável, se deve, em boa medida, e como já foi referido, o desenvolvimento do seu aglomerado populacional e mesmo o progresso geral de todo o concelho.

De notar que a vila teve os seus núcleos mais antigos em locais que hoje constituem como que bairros típicos, como a Rua da Fonte, a Rodela e as Salinas, embora esta última zona se encontre hoje bastante modificada, com a edificação de prédios novos, e a remodelação e substituição das velhas construções, onde outrora se armazenava o sal, interposto abastecedor de uma vasta zona, entre o Douro e a Serra da Estrela, atravessando mesmo a fronteira de Vilar

Formoso e entrando em terras de Castela, tal como tive ocasião de confirmar, em microfilmagem no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, das «Memórias Paroquiais da Freguesia de Currelos, de 1758».

Não são muito pacíficas as correntes de opinião sobre as origens do nome de Carregal do Sal. O certo, porém, é que o nome figurou apenas como *Carregal* até aos fins do século XIX.

O topónimo «Carregal» teria, assim, segundo os estudiosos, derivado de «cárrega», planta ciperácia, espécie de gramínea, abundante na região, e, portanto, «Carregal», lugar onde havia «cárrega», e que, como se referiu, em passado ainda recente, se juntaria o «sal», este devido ao cloreto de sódio, armazenado nos grandes e referidos depósitos, em local ainda hoje designado por «Salinas».

O sal, cujo comércio consta já, e como foi referido, de documentos de 1758, era transportado em barcos da Figueira da Foz até à Foz-Dão (porto fluvial e povoação hoje desaparecida com a Barragem da Aguieira) e daqui seguia, em carros de bois, até ao Carregal (é curioso referir-se que a Venda do Sebo, povoação no concelho de Santa Comba Dão, tem o nome ligado a este transporte da época).

O nome Carregal, como povoado, é, porém, muito antigo, e já figurava num documento de doação de Dom Afonso Henriques, datado de 1137, e onde também se faz referência a «Ulveira de Currelos», «Parada», «Papizenos» e «Pincirino», nomes antigos de terras hoje pertencentes ao concelho.

Teremos assim de deixar de parte o idiotismo «carregá-lo sal» (acto de carregar), apontado por alguns autores, já que «Carregal» é povoação muito antiga, ainda sem o sal, topónimo que lhe foi aditado já nos princípios deste século.

b) O PASSADO E O PRESENTE — A LENDA DE DONA BRANCA

Carregal do Sal, foi, durante séculos, um lugar do então chamado concelho de Currelos, a par de outras povoações que ainda hoje fazem parte da freguesia do mesmo nome (Casal Torre, Vila da Cal e Casal Mendo).

Com a ressalva dos núcleos antigos referidos (Rua da Fonte, que se prolongava pelas Entre-Casas, Rodela e Salinas), atestando o seu passado, Carregal do Sal é hoje uma vila moderna, airosa e de aspecto asseado, com as suas moradias de construção recente ou não muito antiga, estendendo-se ao longo da Estrada Nacional n.º 234, dando uma imagem muito viva e agradável às centenas de milhares de transeuntes que, durante o ano, a atravessam.

Novos arruamentos vão, entretanto, surgindo, com bonitas residências, sendo de assinalar, também, o traçado em curso, de uma extensa artéria de circunvalação.

Não tem a vila de Carregal do Sal monumentos ou outros testemunhos de um passado longínquo. Nem mesmo casas solarengas, pese embora o portão que existe ainda da casa abrasonada de Brito e Faro, de Lobelhe (Mangualde) e hoje pertença dos Herdeiros do Dr. Manuel da Costa. Uma nota, também, para a casa abrasonada, conhecida pela «Casa das Correntes», mandada edificar há cerca de quatro décadas por Manuel Soares de Albergaria, um grande e generoso amigo desta terra, infelizmente já desaparecido, a quem se deve a construção, que ofereceu, do Bairro Soares de Albergaria, à entrada norte da vila, vindo pela Estrada de Travanca de S. Tomé.

O actual edifício da Câmara, em local que poderemos considerar o centro da vila, foi construído em 1894 não tendo, porém, valor arquitectónico. Foi beneficiado há

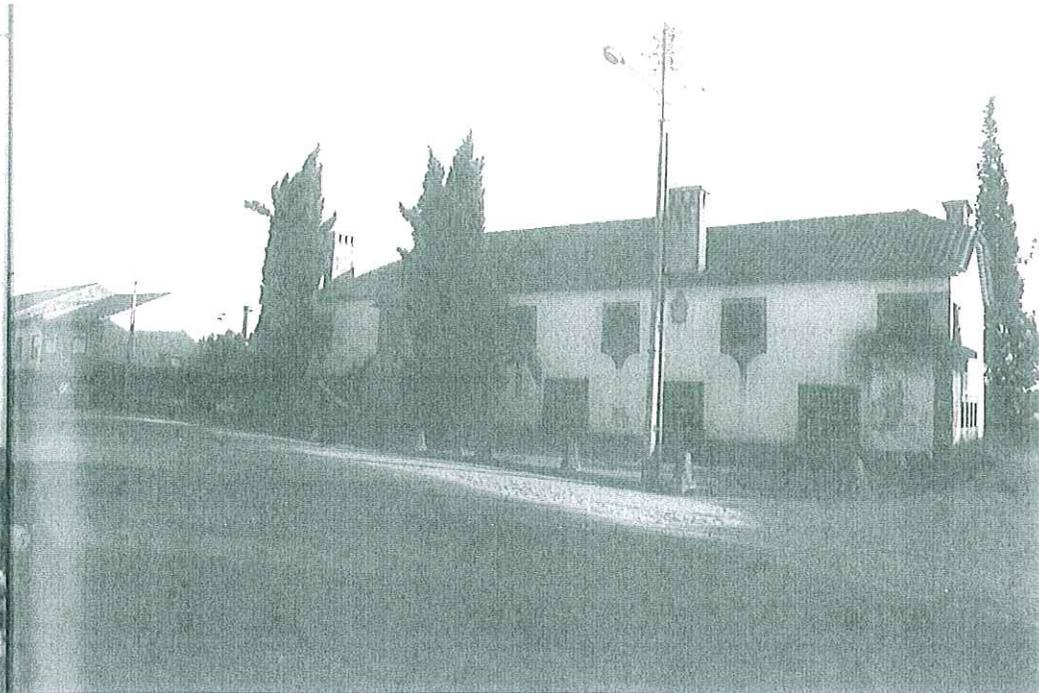


CARREGAL DO SAL — Câmara Municipal do concelho de Carregal do Sal

anos, disfrutando hoje de espaço circundante, ajardinado e com parque de estacionamento.

Do velho e primitivo edifício, que data, possivelmente, da elevação do Carregal a sede do concelho, erigido na Rua da Fonte e em local ainda hoje designado por «Pátio da Câmara», pouco ou nada já resta, dadas as construções urbanas subjacentes, podendo ver-se, porém, ali, o pouco que resta de uma casa quinhentista, com janela em «colchete».

Assinale-se, na Rua da Fonte, hoje, não uma simples rua, mas um pequeno bairro, de construções modernas à mistura com o velho casario, a chamada «Fonte do Eurô», bem famosa, que lhe deu o nome, infelizmente, agora, com a fonte transformada em lavadouro público, sem a água pura e cristalina da fonte romântica, que gerações dela



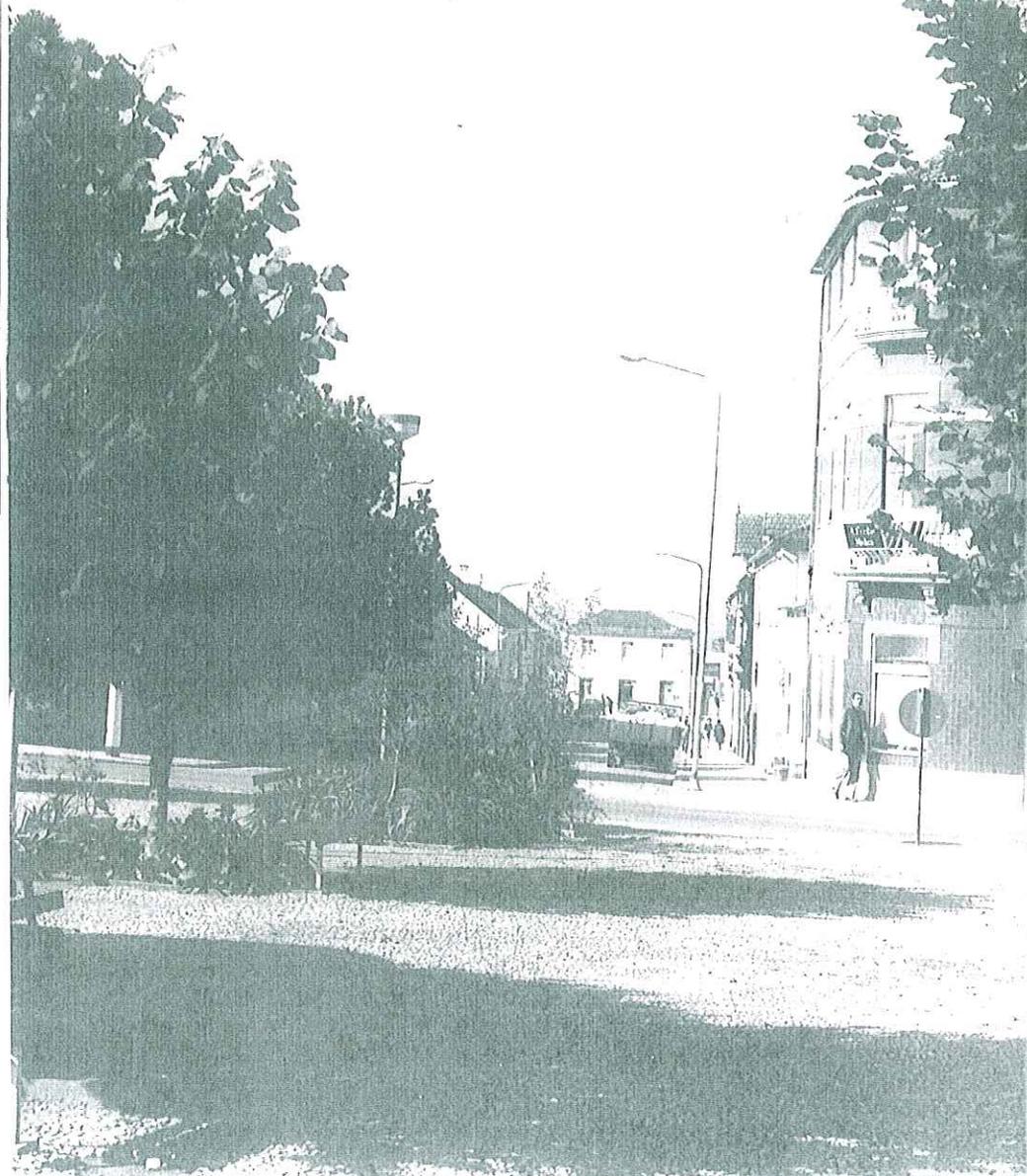
CARREGAL DO SAL — Bairro das Salinas, com a Casa das Correntes

beberam, e que a tradição dizia que quem se servisse das suas bicas, por aqui ficava o resto da vida!

Também, a propósito de fontes, ressalte-se o bonito e artístico chafariz que existia, no centro da vila, muito próximo do actual edifício dos C. T. T., e que há, aproximadamente, vinte anos, foi pura e simplesmente destruído.

Em edifícios de culto, tem o Carregal a Igreja de São Brás, o padroeiro, no centro da vila, porém, sem valor arquitectónico digno de especial menção.

A ponte, e implantada em local aprazível, à beira da Estrada Nacional n.º 234, encontra-se a Capela de Nossa Senhora das Febres, construída entre 1898 e 1902, com pedra que veio do antigo Torreão de Dona Branca, no Casal da Torre, de que adiante falaremos, e que teve, em tempos, uma das mais concorridas romarias da Beira e até



CARREGAL DO SAL — Pedaco do Jardim, frente à Estrada Nacional 234, tendo por fundo a Rua da Estação

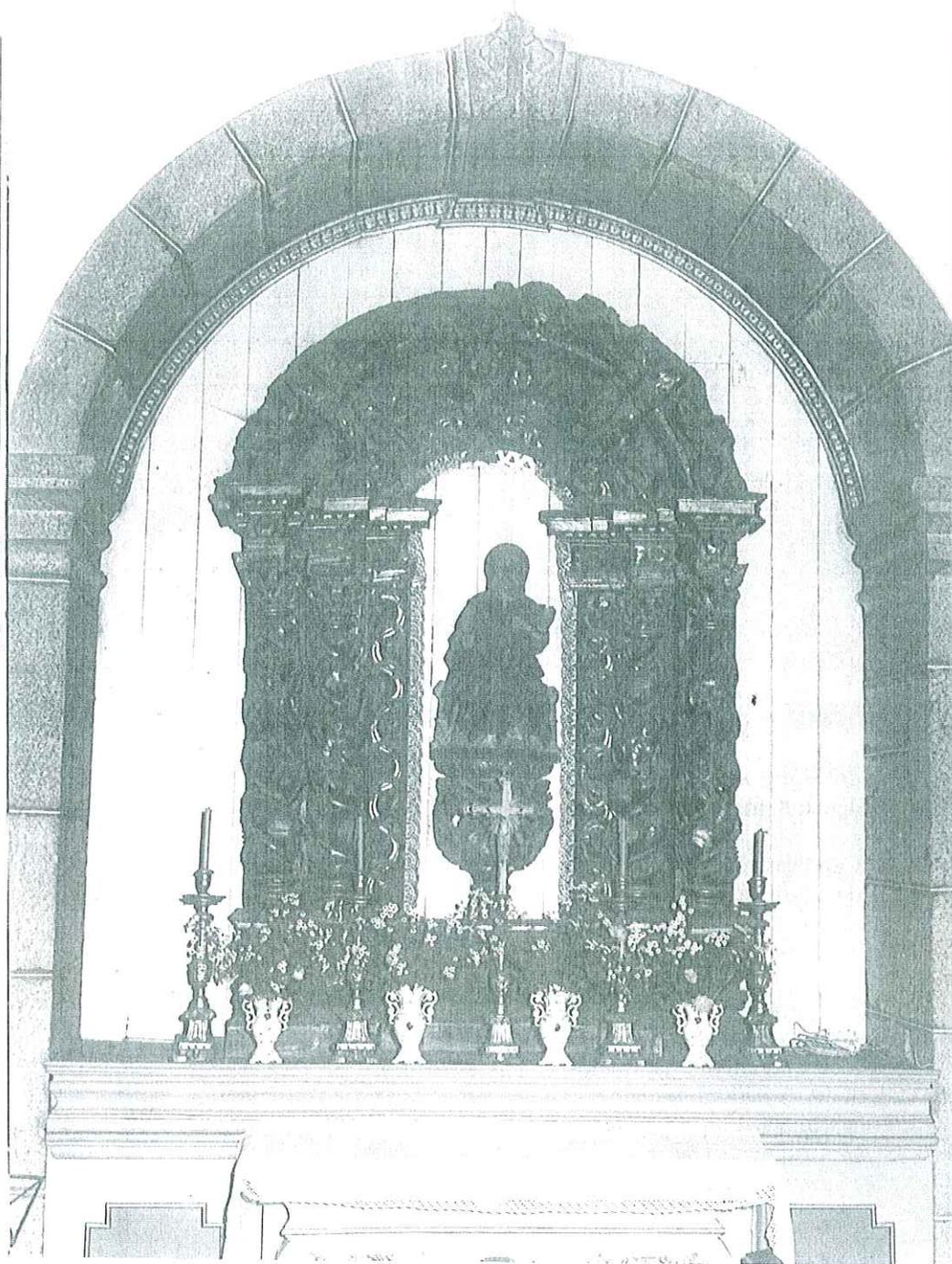


CARREGAL DO SAL — Capela de Nossa Senhora das Febres

do País, sendo, ainda hoje, muitos os devotos que a demandam, vindos de terras bem distantes.

A Igreja Matriz, hoje devotada a Nossa Senhora das Candeias, e desde velhos tempos Igreja de Nossa Senhora da Purificação, situa-se no Casal da Torre, defronte do antigo e já desaparecido Torreão de Dona Branca. É um monumento com certa imponência, que conserva o belo e artístico Altar do Espírito Santo, transferido da antiquíssima capela que existiu junto do Torreão e a cuja festa se refere a Lenda de Dona Branca, que lhe está assim ligada, e de que adiante falaremos.

A primitiva Igreja, e que seria de fundação anterior à Nacionalidade Portuguesa, teria existido no Passal, junto ao Penedo do Sino.



CASAL DA TORRE — Igreja Matriz da Freguesia de Currelos
— Altar do Espírito Santo

(Retirado da antiquíssima Capela que existiu junto do lendário
Torreão de Dona Branca)

Na Igreja Matriz da Freguesia de Currelos, encontram-se dois quadros grandes, com os nomes e dados biográficos dos padres que passaram por esta paróquia, desde 1535, um trabalho interessante de investigação do já referido Afonso Alfeu Pais de Sousa Santos. Vamos referir, por curiosidade, alguns elementos deles extraídos:

Abade — Padre JERÓNIMO DINIS, falecido em 1535;

Abade — P.^o AFONSO PEQUENO, confirmação de 1535;

Abade — P.^o MARTIM FERNANDES, falecido em 1540;

Abade — P.^o D. ÁLVARO DA SILVEIRA, irmão do padroeiro D. Diogo da Silveira. Tomou posse da Igreja em 1544;

Abade — P.^o JORGE CARNEIRO, tomou posse em 1547, falecido em 1575;

Vigário — P.^o FERNÃO VAZ, apresentação em 1575, óbito ocorrido em 1602;

Vigário — P.^o DOMINGOS DE SOUSA COLAÇO, confirmação em 1602, faleceu em 1610;

Cura — P.^o DOMINGOS DE CARVALHO, posse em 1610;

Vigário — P.^o MARTINHO DE ILHARGO DA CONCEIÇÃO, Natural de Midões, posse em 1610, falecimento em 1641;

Encomendado — P.^o FRANCISCO BERNARDES, natural da Vila da Cal;

Cura — JOÃO FERNANDES DE ARAGÃO;

Cura — JORGE BERNARDES, natural da Vila da Cal, posse em 1649 e falecido em 1695; foi também coadjutor e encomendado;

Vigário — P.^o JORGE BAIÃO DE ANDRADE, natural da Lousã, posse em 1654 e óbito em 1661;

Vigário — P.^o JOSÉ FERREIRA, natural de Avis, posse da Igreja em 1661;

Vigário — P.^o PASCOAL DA COSTA VELOSO, bacharel, natural de Papísios, posse em 1662, falecimento em 1684;

Coadjutor — P.^o ANTÓNIO LEAL CORREIA, natural do Casal da Torre, falecido em 1717;

Vigário — P.^o NICOLAU MONIZ DE VASCONCELOS, natural de Góis, posse em 1684, óbito em 1700;

Encomendado — P.^o JOÃO DA COSTA E ANDRADE, faleceu em 1735;

Vigário — P.^o MANUEL DA COSTA E ALBUQUERQUE, posse em 1700, falecimento em 1734;

Cura — P.^o MANUEL DE MORAIS;

Cura — *Encomendado* — P.^o MATIAS GOMES;

Encomendado — P.^o SIMÃO PAIS MONTEIRO;

Vigário — P.^o BERNARDO DE ALMEIDA E SILVA, posse em 1734; presbítero de hábito de S. Pedro, natural de Cacilhas (Almada);

Cura — P.^o JOÃO ZUZARTE, faleceu em 1758;

Encomendado — P.^o JOÃO SOARES DE ALBERGARIA, natural da Vila da Cal, nascido em 20-11-1704;

Vigário — P.^o ANTÓNIO MIGUEL PEREIRA, formado em Teologia, posse em 1736 e morte em 1776;

Cura — P.^o JOÃO RODRIGUES;

Cura — P.^o JERÓNIMO ZUZARTE DE SOUSA;

Cura — P.^o JOSÉ MADEIRA;

Coadjutor — P.^o ANTÓNIO PIRES;

Encomendado — P.^o JOSÉ PEREIRA PAIS;

Encomendado — *Coadjutor* — P.^o ANTÓNIO GOMES, natural do Casal da Torre, falecido em 1839;

Vigário — P.^o ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA, Doutor em Teologia, natural de Coimbra, posse em 1781, morte em 1802;

Vigário — P.^o PEDRO PAULO DE ALMEIDA SERRA, Doutor em Teologia, natural de Lisboa, posse em 1802, óbito 1848;

Encomendado — P.^o ALEXANDRE JOSÉ DA COSTA VELOSO, coadjutor da freguesia de Papísios desde 1815 a 1823;

Vigário — P.^o NUNO PEREIRA DE SANDE SACADURA BOTE, ex-frade professo da Ordem de Cristo no Convento de Tomar, natural da vila da Lousã, posse em 1844, morte em 1861;

Coadjutor — P.^o ANTÓNIO DA PURIFICAÇÃO MADEIRA, falecido em 1869;

Encomendado — *Coadjutor* — P.^o MANUEL RODRIGUES PAIS DE FIGUEIREDO, natural de Carregal do Sal, falecido em 1873;

Vigário — P.^o JOSÉ FIRMINO HENRIQUES CARDOSO E BALAS, natural de Ladeira-Castelões (Tondela), posse em 1862 e falecido em 1871;

Encomendado — P.^o RICARDO DA COSTA RAMOS;

Vigário — P.^o ANTÓNIO BERNARDO DOS SANTOS, natural de Nelas, posse em 1873, morte em 1898;

Coadjutor — *Encomendado* — *Coadjutor* — P.^o ALEXANDRE SOARES DE ALBERGARIA, natural da Vila da Cal, faleceu em 1905;

Vigário — P.^o JOSÉ MARQUES VIEGAS, natural de Pinheiro de Ázere (Santa Comba Dão), posse em 1900, morte 1920;

Encomendado — P.^o LUÍS AUGUSTO NUNES, natural da Póvoa de Santo Amaro, falecido em 1932;

Vigário — P.^o ANTÓNIO DA COSTA, natural da Agueira (Nelas), nasceu em 15-01-1871, posse em 1921;

Vigário — P.^o GRACIANO HENRIQUES, natural de Tourigo (Tondela), tomou posse em 1946;

Vigário — P.^o JOSÉ FERNANDES VIEIRA, natural de Sejães (Oliveira de Frades), tomou posse em 1956;

Vigário — P.^o ARTUR ANTUNES MARQUES, natural de Canas de Sabugosa (Tondela), tomou posse em 1956;

Vigário — P.^o ADELINO LOPES NOGUEIRA, natural de Benfeitas, concelho de Oliveira de Frades, tomou posse em 1958.

*
* *
*

Depois deste extenso rol de sacerdotes que, desde 1535, paroquiaram a freguesia de Currelos, vamos acrescentar nós, mais um, aquele que sucedeu ao Padre Nogueira e hoje se encontra ainda em plenas funções. Trata-se do bom e particular amigo P.^o JOSÉ AFONSO DE PAIVA, que em 1984 teve a justa homenagem das bodas de prata — 25 anos ao serviço da Igreja e boa parte também do ensino, nesta freguesia e a que pertence a sede do concelho.

Do Torreão ou Castelo de Dona Branca, construção, segundo se julga, da primeira metade do século XII, e que, em 1758, se erguia ainda, com os seus cinquenta pés de altura («Memórias Paroquiais da Freguesia de Currelos», já referidas), sendo, por velhos testemunhos, de torres, primitivamente, amciadas e portões em arco, já nada hoje existe. Nos fins do século passado, parte do que então ainda restava foi demolida, e alguma pedra serviu, como já foi referido, para a edificação da Capela de Nossa Senhora das Febres, à entrada poente do Carregal.

Do velho Torreão ou Castelo de Dona Branca, não se sabe, ao certo, a sua origem. Pensa-se, porém, que teriam sido os donatários, Garcia Vanding e mulher Elvira Goding, a que já nos referimos, que o teriam edificado, entre 1105 e



CASAL DA TORRE — Igreja Matriz da Freguesia de Currelos
(À direita, entre as primeiras casas, existia o lendário Torreão de Dona Branca)

1137, e à sua construção, ter-se-ia, para sempre, ligado o nome de Casal da Torre.

A Lenda de Dona Branca veio imortalizar o velho Torreão, constituindo uma das mais belas lendas portuguesas. Pinho Leal conta-a no seu «Portugal Antigo e Moderno» e Fernanda Frasão consagrou-a no seu livro «Lendas Portuguesas», volume III, págs. 35.

Não resistimos à tentação de a transcrever aqui, tal como vem referida nas aludidas «Lendas Portuguesas».

O CASTELO DE D. BRANCA

Em Currelos, no concelho de Carregal do Sal, há um antigo castelo quadrangular com janelas ogivais, ao qual o povo chama Castelo de D. Branca.

Conta a lenda que esta D. Branca se chamava, de seu nome completo, D. Branca de Vilhena. Era fidalga e vivia feliz com seu marido no castelo das janelas ogivais até ao dia em que pariu um par de gémeos.

Não podendo acreditar que eram ambos filhos do mesmo pai e, por outro lado, tendo consciência absoluta de não ter conhecido outro homem, D. Branca entrou em pânico. Que diria de si aquele marido tão amigo? Certamente ia escorraçá-la de casa mais os filhos, ou mandá-la expor no pelourinho para vergonha pública! Não, antes mandar matar uma das crianças e viver em paz o resto da vida!

Mandou chamar um pajem de sua muita confiança, entregou-lhe o menino que nascera em segundo lugar e ordenou que o fizesse desaparecer para todo o sempre. E como prova de que a sua ordem fora executada, disse ao rapaz que lhe trouxesse a língua da criança.

O pajem lá partiu para cumprir a sua ordem, sentindo um nó na garganta e o estômago revoltado com a crueldade. Seguiu Mondego abaixo quando encontrou o seu senhor e decidiu contar-lhe tudo.

O fidalgo mandou-o arrancar a língua a um cão e levá-la a D. Branca, para que descansasse. Depois pegou no menino e foi entregá-lo a um moleiro, muito em segredo, para que o criassem sem que nada lhe faltasse, trazendo-o sempre vestido como andava o irmão.

Passou-se o tempo, e um dia, pela festa do Espírito Santo, o menino do moleiro veio à romaria. O fidalgo, D. Branca e a outra criança saíram também do seu castelo, para irem à festa. No caminho encontraram-se todos e o fidalgo, apontando a criança que o moleiro trazia em cima do burro, vestida como o seu filho, disse a D. Branca:

— Ora aqui está um menino que se parece com o nosso! Era digno de viver com ele e de ser nosso filho!

D. Branca empalideceu e não disse palavra. Dentro de si estalaram todas as certezas laboriosamente construídas ao longo daqueles anos de remorsos e saudades. Percebendo que o marido sabia de tudo, pegou no menino, levou-o para casa e sentou-o à mesa, onde pela primeira vez comeu com a sua família. Deitou-o depois na cama com o irmão e aconchegou-lhes a roupa.

Era noite fechada quando D. Branca se aproximou como que distraída de uma das janelas do castelo. Só quando o fidalgo, sentado de costas para as janelas, em frente da lareira, ficou sem resposta a uma sua pergunta, se apercebeu de que D. Branca desaparecera.

Lá em baixo brilhava ao luar o seu corpo, de costas para a vida.

Dali por diante, todas as noites andava pela margem do Mondego o fantasma branco e brilhante de D. Branca, penando no local em que mandara afogar o seu filho. Diz-se que a acompanhava o Diabo, branco e brilhante como ela, em forma de mastim.

*
*
*

Segundo outra versão «dali por diante andava, de noite, um fantasma correndo estes sítios em uma carruagem, com grande séquito, e ia dizendo: 'Aqui vai D. Branca de Vilhena, acompanhada por quantos diabos há no inferno'».

c) GENTES — PAISAGENS E MONUMENTOS

Bem pouco iremos falar das gentes desta freguesia que se distinguiram no campo das letras e das artes ou no mundo das ciências.



CARREGAL DO SAL — Entrada Nascente, junto ao Bairro das Salinas

Não significa, porém, que não tenha havido figuras relevantes e de elevado prestígio, dignas mais de antologia que de um simples trabalho como o nosso.

Basta dizer que nas épocas mais recentes tivemos homens públicos notáveis, como ministros, secretários de Estado e um escol de gente grada e ilustre, podendo apontar, entre outros, lentes, catedráticos, juristas, cientistas e investigadores.

Nas artes, e também nas letras, fazemos empenho em aqui referir o escultor, pintor e poeta, AURELIANO LIMA, nascido em Carregal do Sal, a 23 de Setembro de 1916, e que viveu em Coimbra e morreu em Vila Nova de Gaia, em 15 de Dezembro de 1984, tendo ficado sepultado em Mafamude, deste último concelho.

Tem uma vastíssima obra, criada ao longo de muitos anos de intensa actividade, consagrada no registo biográfico

da recente edição do livro «Aureliano, a Arte do Silêncio», do escritor Serafim Ferreira.

Vamos referenciar algumas das suas criações: *Bustos*: de Afonso Duarte, Miguel Torga, Paulo Quintela, Antero, Camilo, Nietzsche, Beethoven, Eduardo Lourenço, Mário Fraga, Bispo da Guarda, D. José Alves Matoso, Brás Garcia de Mascarenhas, Dr. Alberto Vale, Dr. Carlos Alves, Dr. José Cardoso, Dr. António Vieira, Dr. Veiga Simões, Fernando Pessoa, Nunes Ferreira e Mário Cláudio; *Cabeça de Teixeira de Pascoaes*; *Baixos relevos*; *Medalhas e Esculturas* várias; *Poemas*: «Rio Subjacente»; «Cântico e Eucalipto»; «Espelhos Paralelos»; e «O Homem Cinzento ou a Alquimia dos Números»; *Livros*: «Tempo de Dentro-Fora», «Os Círculos e os Sinais»; *Narrativas, Fragmentos*.

Colaborou em várias obras colectivas, fez dezenas de exposições individuais e esteve presente em muitas outras, quer no País quer no Estrangeiro.

*
* *

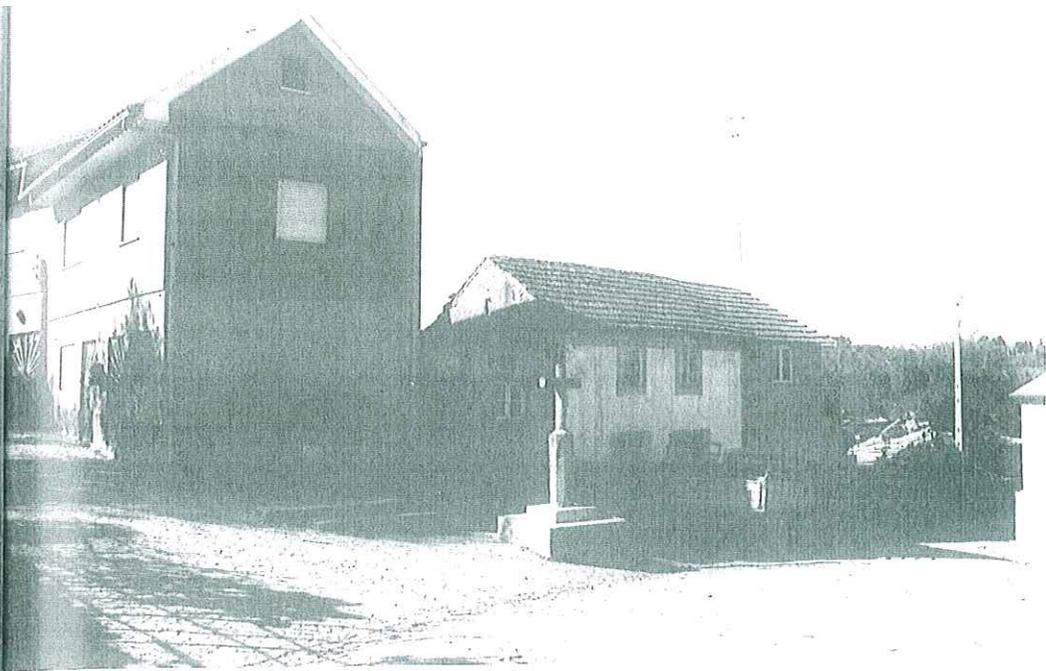
Já referimos que a vila, sede do concelho, não tem tradições seculares. Contudo a sua gente, e de um modo geral, assim acontece em todo o concelho, é alegre, divertida e muito hospitaleira. As antigas e tradicionais Festas dos Bombeiros, hoje Festas do Concelho, que, anualmente, se realizam em Julho, e o seu Carnaval, de sabor intensamente popular, atraem milhares de forasteiros, e são notas bem vivas do espírito folgazão das gentes deste rincão das Beiras.

*
* *

Ainda na freguesia de Currelos, em que se integra Carregal do Sal, poderemos admirar na VILA DA CAL, a



VILA DA CAL — Pelourinho e edifício onde funcionou a Câmara e Casa de Audiências do antigo concelho de Currelos



CASAL MENDO — Centro da Povoação, vendo-se o Cruzeiro

antiga Casa da Câmara e Cadeia do concelho de Currelos, e também o seu Pelourinho, que, embora construído há cinquenta anos, é como que uma reprodução, pela semelhança, do primitivo, destruído no século passado, e que já existia em 1548. Esta obra de substituição, foi concebida pelo saudoso Prof. Dr. José Antunes Vaz Serra, que ali tinha residência, na sua bonita e imponente moradia, hoje dos seus ilustres familiares.

VILA DA CAL, como foi referido, deriva de «canalle», ou caneiro, levada por onde corre a água, e, na realidade, ali passa o Ribeiro que vem do Carregal, evoluindo etimologicamente, para «caale», depois «caal» e finalmente «cal».

Teria sido, como parece ser incontestável, a sede do antigo concelho de Currelos. É terra muito antiga, de origem romana, segundo se julga. Denota-se ainda, em parte do seu casario, a sua ancianidade. Tem uma vetusta capela,



SÃO DOMINGOS — Vetusta Capela de São Domingos

com a Senhora do Desterro, que é hoje de um particular. *CASAL MENDO*, outra das antigas povoações (que foi terra de Mendo Sanches, onde parece ter ido buscar o nome) já existia em 1226. Tem um velho cruzeiro, no centro da povoação.

Bem próximo desta localidade, passa a Estrada para o Rio Mondego, tendo, logo ali, a capelinha de São Sebastião, que dantes tinha a sua festa anual na 2.^a feira da Páscoa. No local, hoje em plena urbanização, teria existido, na época romana, um núcleo populacional, o primitivo destes povos (achados arqueológicos parecem confirmá-lo).

* * *

Ainda na freguesia de Currelos e a dois quilómetros do Carregal, entre densa floresta de pinheiros, fica a *Capela de São Domingos*, obra interessante e imponente, de vastas

proporções e onde se faziam, em tempos, grandes romarias, no dia designado ao seu orago, 4 de Agosto.

Não se sabe, ao certo, a data da sua construção, não obstante uma inscrição na fachada da parede, virada a poente, com a data de 1718. Tudo nos leva a crer, porém, que seja esta, já que a Capela teria sido construída no primeiro quartel do século XVIII, no local onde teria existido uma outra ermida, devotada também a São Domingos, e isto, porque, num documento de 1612 (auto de demarcação judicial entre os concelhos de São João de Areias e Currelos), ali se faz menção, por várias vezes, a «uma fonte ao pé de uma cerejeira, junto a um outeiro, onde, em tempos idos, existira uma capela, dedicada a São Domingos e de que só restavam vestígios».

Note-se que o auto tem a data de 1612 e do concelho de São João de Areias, passou para o Carregal, em 1895, a freguesia de Parada, cujos limites, com a freguesia de Currelos, ficam, ainda hoje, bem perto da referida Capela.



CALDEIRÃO — Ponte Eng.º Rui Sanches, sobre o Mondego entre Tábua e Carregal do Sal

O local, designado por São Domingos, é aprazível pelo seu frondoso arvoredado, e ali existe uma fonte antiga, talvez aquela, ou no local daquela, a que se reporta o documento já referido, e ainda vestígios e ruínas das antigas casas dos romeiros.

*

* *

A sul da freguesia de Currelos, e a poucos quilómetros do Carregal, passa o Rio Mondego. Junto ao Caldeirão e ligando a estrada «Carregal-Oliveira do Hospital», via Midões (Tábua), foi construída e inaugurada em 13 de Junho de 1971, uma bonita e imponente Ponte, acabando então com a quase lendária «Ponte do Enguiço», assim chamada pela espera, durante cerca de quatro décadas, da desejada união entre os troços de estrada, já existentes, numa e doutra margem do Rio. Se os ilustres e saudosos Drs. Prof. José Antunes Vaz Serra e José Caeiro da Mata, contribuíram para tão ansiada obra, e viram ainda traçados os dois pedaços de estrada, uma palavra de homenagem e gratidão também para o Prof. Nicolau Firmino, felizmente ainda vivo e principal impulsionador para a materialização da construção da Ponte, quase quarenta anos depois.

O local do Caldeirão é aprazível, e antes da Barragem da Aguieira, cujas águas da bacia hoje ali chegam ainda, constituía, com o frondoso arvoredado das suas margens, uma praia fluvial concorrida e ponto de reunião e diversão nos meses estivais. Hoje, perdendo, em boa medida, o interesse nesse campo, o vasto lago tem condições para a prática de desportos náuticos e é também local escolhido para os amantes da pesca. O futuro poderá levar àquele local o aproveitamento turístico que, por ora, ainda não tem.

De realçar que, junto à Ponte, e reunindo centenas de pessoas das duas margens do Mondego, se realizam,

anualmente, no Domingo de Pascoela, concorridas cerimónias religiosas, que terminam com o «Beijar da Cruz» sobre o tabuleiro, seguindo-se depois a confraternização, ao longo da Estrada e nas matas com os lautos farnéis.

Mas há outros locais interessantes no Rio Mondego, como, a Várzea Negra, a Cabeça Gorda, e, mais abaixo, os Vales, já nos limites da freguesia de Parada, que poderiam proporcionar aos turistas e outros visitantes momentos de êxtase na contemplação de quadros naturais de rara beleza.

Desapareceram já alguns elementos de muito interesse, como o velho Torreão de Dona Branca, o antigo Pelourinho da Vila da Cal, o bonito chafariz na vila, e também uma velha e muito antiga carvalha, em local da freguesia que hoje ignoramos, e que, segundo Pinho Leal, no seu livro «Portugal Antigo e Moderno», edição de 1873, págs. 460, tinha na base uns oito metros de circunferência, e junto da qual brotavam duas nascentes de óptimas e fresquíssimas águas. Tal carvalha não existe já, como foi referido. Porém, podemos hoje admirar, entre Carregal do Sal e Pinheiro, e a uma centena de metros da estrada, um gigantesco eucalipto, cuja circunferência na base (perímetro) ronda os catorze metros.

Segundo o Dicionário de Portugal Continental e Insular, de Américo Costa, volume IV, a população da freguesia de Currelos, onde se inclui, como se sabe, a vila, sede do concelho, tem sido a seguinte, desde a publicação da 1.ª edição da «Corografia Portuguesa», do Padre Carvalho:

P.º Carvalho	(1706)	180	fogos	
2.ª Edição	(1868)	405	»	
Est. Paroch.	(1862)	424	»	1695 habitantes
Est. Civil	(1864)			1725 »
Censo	(1890)	473	»	1840 »

Censo	(1900)	460	»	1744	»
Censo	(1911)	512	»	1831	»
Censo	(1920)	450	»	1689	»
Censo	(1930)	559	»	1827	»

Oliveira Freire, em 1755, dá-lhe 179 fogos e 566 almas. Em 1981 tinha 1911 habitantes. Conta actualmente com 1610 eleitores.

CAPÍTULO VI

POR TERRAS DO CONCELHO

I. FREGUESIA DE OLIVEIRA DO CONDE

a) OLIVEIRA DO CONDE

A 3 km de Carregal do Sal, e na estrada que liga esta vila a Oliveira do Hospital (via Ervedal da Beira) e a 1 km da Estrada Nacional n.º 234, fica OLIVEIRA DO CONDE, sede do extinto concelho do mesmo nome, que foi próspero e de ilustre linhagem, tendo-lhe sido concedido foral por Dom Dinis, em 1286, segundo Pinho Leal (Portugal Antigo e Moderno), renovado por Dom Manuel I, em 1516 (Livro de Forais Novos da Beira, fls. 145 v.º, col. 1.ª).

Oliveira do Conde, tal como referimos com Oliveira de Currelos, vem da palavra «Ulveira» (terra funda, de lameiro) e o determinativo «do Conde», refere-se, ao que parece, ao valido de D. Teresa, o Conde Peres de Trava, que dela teve o senhorio («Beira Alta — Terra e Gente»). Há quem sustente, porém, que vem do Conde D. Henrique, que, como se sabe, das terras desta região fez muitas doações, designadamente ao Mosteiro do Lorvão (caso de Currelos, a que já nos referimos).

Oliveira do Conde é hoje uma bonita povoação, em que o moderno não consegue absorver o antigo, o que faz com que esta vila mantenha ainda o seu aspecto senhoril.

Vamos falar dos seus monumentos e velhos solares, das relíquias que chegaram aos nossos dias e atestam bem o seu ilustre passado.

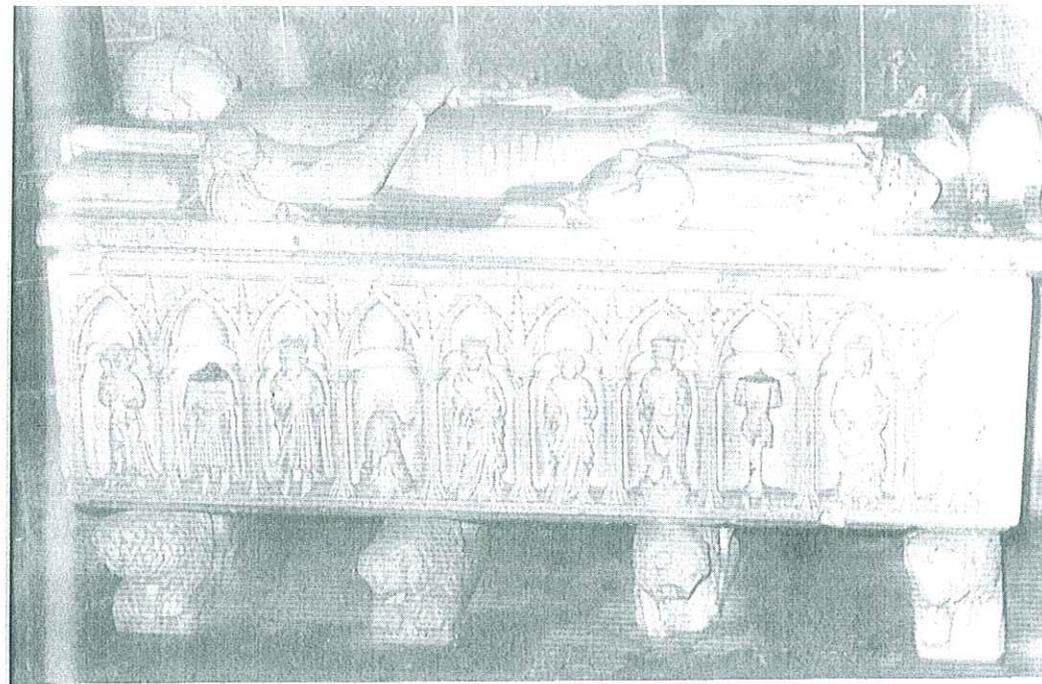
1. A IGREJA MATRIZ E O TÚMULO DE FERNÃO GOMES DE GÓIS

Perde-se nos tempos a origem desta Igreja, que já existiria, quando da Nacionalidade Portuguesa. Ressalte-se que a velha Lenda de Nossa Senhora dos Carvalhais, e a que, adiante, nos referiremos, reportada aos anos de 1001 a 1018 da Era de Cristo, se prende já com a Igreja de Oliveira do Conde.

Este precioso monumento sofreu, ao longo dos séculos, profundas transformações, em especial do século XVI, padroado então do Morgado de Góis.

Desses tempos resta, guardando o túmulo de Fernão Gomes de Góis, a linda Capela-Mor, gótica, com cobertura de abóbada artesoada, de nervuras e bocetes de granito, servida pelo sóbrio arco, levemente apontado, revestido e decorado a primor na aresta biselada, de florões de rosas estilizadas, obra devida, segundo se julga, à munificência de D. Nuno Martins da Silveira, Senhor de Góis, ou de seu filho, D. Luís da Silveira, guarda-mor dos Reis D. Manuel I e D. João III, e primeiro Conde de Sortelha.

Na Igreja existem ainda hoje as capelas e altares de Nossa Senhora da Conceição, escultura do século XVII, e do Santo Cristo, tendo desaparecido os altares de São Sebastião e da Senhora do Rosário, durante as obras de



OLIVEIRA DO CONDE — Túmulo de Fernão Gomes de Góis

consolidação e restauro, executadas pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, no ano de 1952, altares esses que já existiam em 1675, e que, com o altar de Jesus, Maria e José, foram demolidos, reedificados e beneficiados em 1754/55, durante as obras de grande vulto do corpo da Igreja. Era portentosa a talha dos referidos altares, com imagens, das mais perfeitas, de São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário, assim se escreveu.

A frontaria actual da Igreja é relativamente recente (posterior a 1875), tendo, com as obras, desaparecido a traça antiga, com o seu pórtico manuelino, semelhante ao arco triunfal da Capela-Mor, e alpendre sustentado por quatro colunas, o átrio de 3 arcos de cantaria e o campanário com três sinos.

A Igreja de Oliveira do Conde, Monumento Nacional, abriga, num dos nichos, e do lado do Evangelho, a imagem

de São Pedro, orago da Paróquia, esculpida em calcário da região de Coimbra, na metade de quatrocentos, tendo, pelo Prof. Reinaldo dos Santos, sido atribuída a Diogo Pires, o Velho, pelo realismo da cabeça, maneirismo das pregas, encanastrado das orlas, desenho da boca e estilização das barbas. Do lado contrário encontra-se o nicho com a imagem de São Paulo (em madeira).

Sob o arco, gótico-manuelino, está o túmulo, em pedra de Ançã (calcáreo branco), com estátua jacente, do cavaleiro *Fernão Gomes de Góis*, pousado da banda do Evangelho, encostado à parede, desprovido de dossel ou arcossólio, assente sobre quatro leões de juba cerrada e penteada. Mede uns dois metros de longo a arca tumular e mostra corpo e cobertura profusamente lavrados.

Acabámos de extrair algumas passagens de «Três Túmulos», do mestre arqueólogo Virgílio Correia, e de «O Distrito de Viseu», de Correia de Azevedo, e vários outros autores têm ilustrado profusamente a Igreja e o precioso mausoléu que ali se alberga na sua Capela-Mor. Não vamos, porém, aqui descrever tudo o que se relaciona e existe escrito sobre este preciosíssimo túmulo, obra-prima da escultura nacional do Renascimento, muito embora ao gosto e tradição medieval anterior, diria A. Lucena do Vale, no seu livro «Beira Alta — Terra e Gente» — Uma Trindade Artística, Edição da Comissão Municipal de Turismo — Viseu, 1958.

Todavia, passaremos a transcrever, com a devida vénia, do livro do ilustre Prof. da Academia Portuguesa de História, já referido, «Beira Alta — Terra e Gente», págs. 99 e 100, o que, em 18 de Abril de 1819, sob a forma de memória, o reverendo Vigário Manuel António de Aranda fez e mandou escrever a seu sobrinho Florêncio Manuel de Aranda, para que ficasse para sempre, já que, como dizia,

as figuras e letreiros se hão-de corroer e gastar com o andar dos tempos.

Dizia assim:

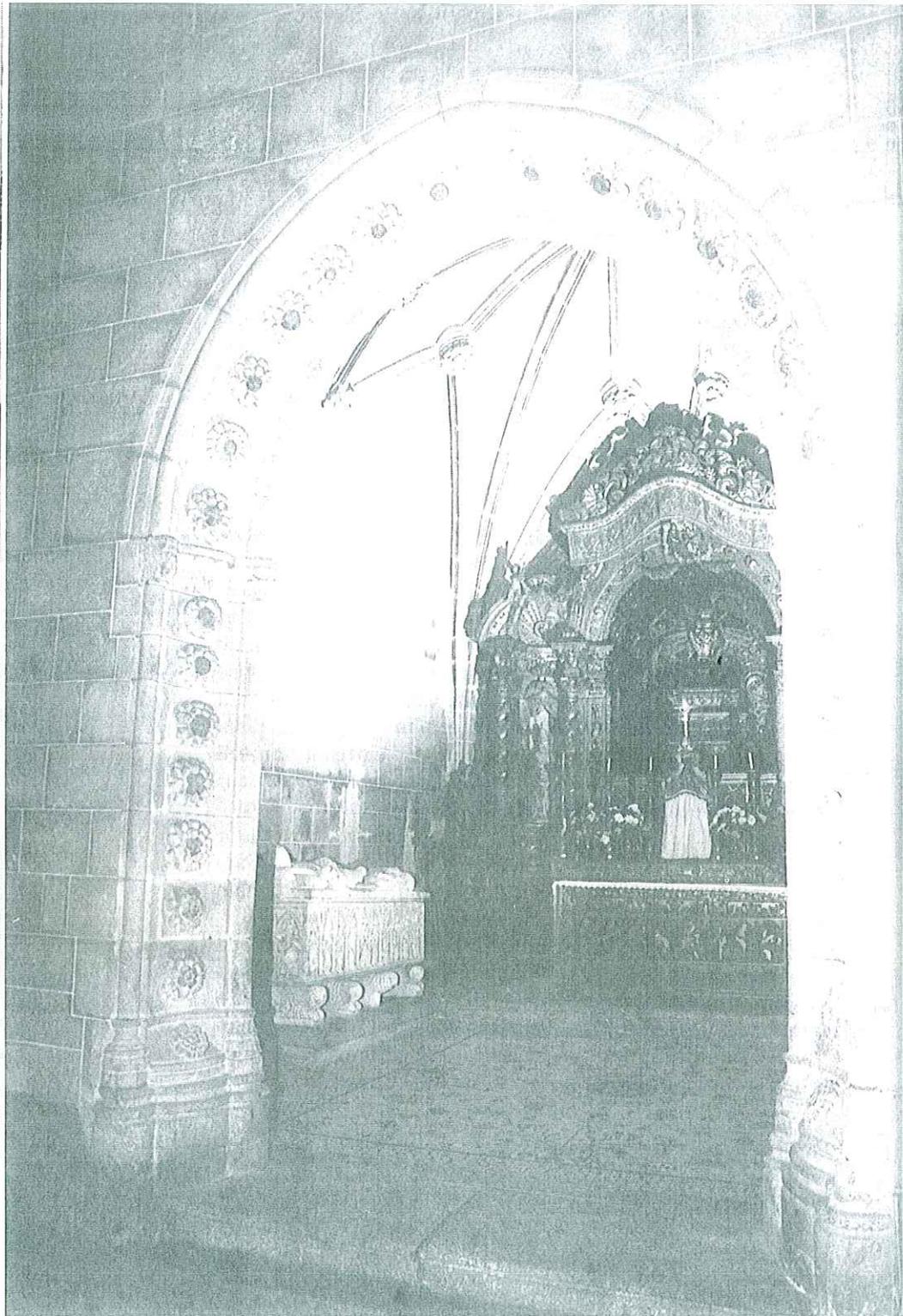
«Na Capela-Mor da Igreja matriz de S. Pedro de Oliveira do Conde, à parte do Evangelho, está um mausoléu de pedra de Ançã, que assenta sobre quatro leões, e que tem sobre a tampa a figura de um homem vestido de armas ao modo antigo, com a espada na mão direita que pega nos copos, e a mão esquerda pegando na bainha, como que a querer desembainhar aquela. Ao pé direito da estátua jacente, uma menina, que talvez seria filha; ao lado, junto dos ombros, dois anjos, e o do ombro direito tem nas mãos umas letras que dizem: Dine mire, que talvez seja: Domine miserere.

Em volta da parte superior do referido túmulo, vê-se em letra gótica o seguinte: aqui ias Fernam gomes de goões camareiro moor que foy do mui nobre rey dom Ioham de Portugal o qual o dito senhor rey fez cavaleiro o dia que filhou ceita aos mouros (A praça de Ceuta foi conquistada a 21 de Agosto de 1415).

Na frente do Túmulo, há dez nichos, em cada um seu santo; e por cima deles os letreiros que declaram os seus nomes na forma seguinte:

Sam Miguel Arcanio + Baltazar rey o moço + Melchior rey meo + Rey Gaspar o velho + Santa Maria M. V. + Sam Ioham Apto avã + Sam Nicolau bispo + Sam Sebastiam martir + St.^a Catarina Martir + Santa Barbara Virgem.

No alto da cabeceira do túmulo, estão dois escudos cada um deles com as armas da família dos Goes, que são: em campo azul seis quadernas de crescentes de prata postas em duas palas; e abaixo deles cinco nichos. No do meio está a imagem do Salvador, em cuja peanha tem um letreiro que diz: Ius Xpo por baixo, e por cima diz: Salvador do



mundo. Nos quatro nichos estão as divisas dos quatro Evangelistas com seus letreiros que dizem: Sam Ioham avangelista + Sam Mateus avangelista + Sam Lucas avangelista + Sam Marcos avangelista.

Na testeira dos pés tem Nossa Senhora recebendo a saudação do Anjo, e no meio um vaso com açucena; e do Anjo para a senhora sai um letreiro que diz: Ave Maria Gratia Plena Dominus te cum ben. No baixo do túmulo, em toda a volta tem o seguinte: Ioham Afonso mestre dos sinos lavrou este moimento e começou o na era do nascimento de nosso senhor ihu xpo de MCDXXXIX às e acabou o na era de MCDXL começado três dias andados do mês de maio e poz doze meses em lavrallo per (talvez quisesse dizer «perfeito»).

E nada mais se acha digno de notar-se em dito mausoléu, cujas figuras e letreiros, pelo andar dos tempos se vão a corroer e gastar, de forma que em breve se tornarão imperceptíveis; e por esta razão, o Revd.^o Vigário Manoel António de Aranda mandou a seu sobrinho Florêncio Manoel de Aranda que aqui transcrevesse esta memória que eu dito fiz fielmente em 18 de Abril de 1819.»

A memória transcrita, diz-nos A. de Lucena e Vale, havia sido extraída de um velho livro que, por volta de 1920, existia na casa de família do Dr. Herculano Pereira Franco Soares de Albergaria, e cuja cópia possuía, extraída pelo punho do douto arqueólogo visiense, Dr. Alexandre Correia de Lemos, falecido em 1928.

Passados mais de cento e cinquenta anos sobre a feitura da memória acima referida, o túmulo se mantém ainda tal qual era, e Virgílio Correia na sua minuciosa descrição apenas tem a lamentar, quando em 1934 o viu e estudou, o desaparecimento do primeiro nome do mestre talhante e a mutilação de algumas das imagens das edículas.

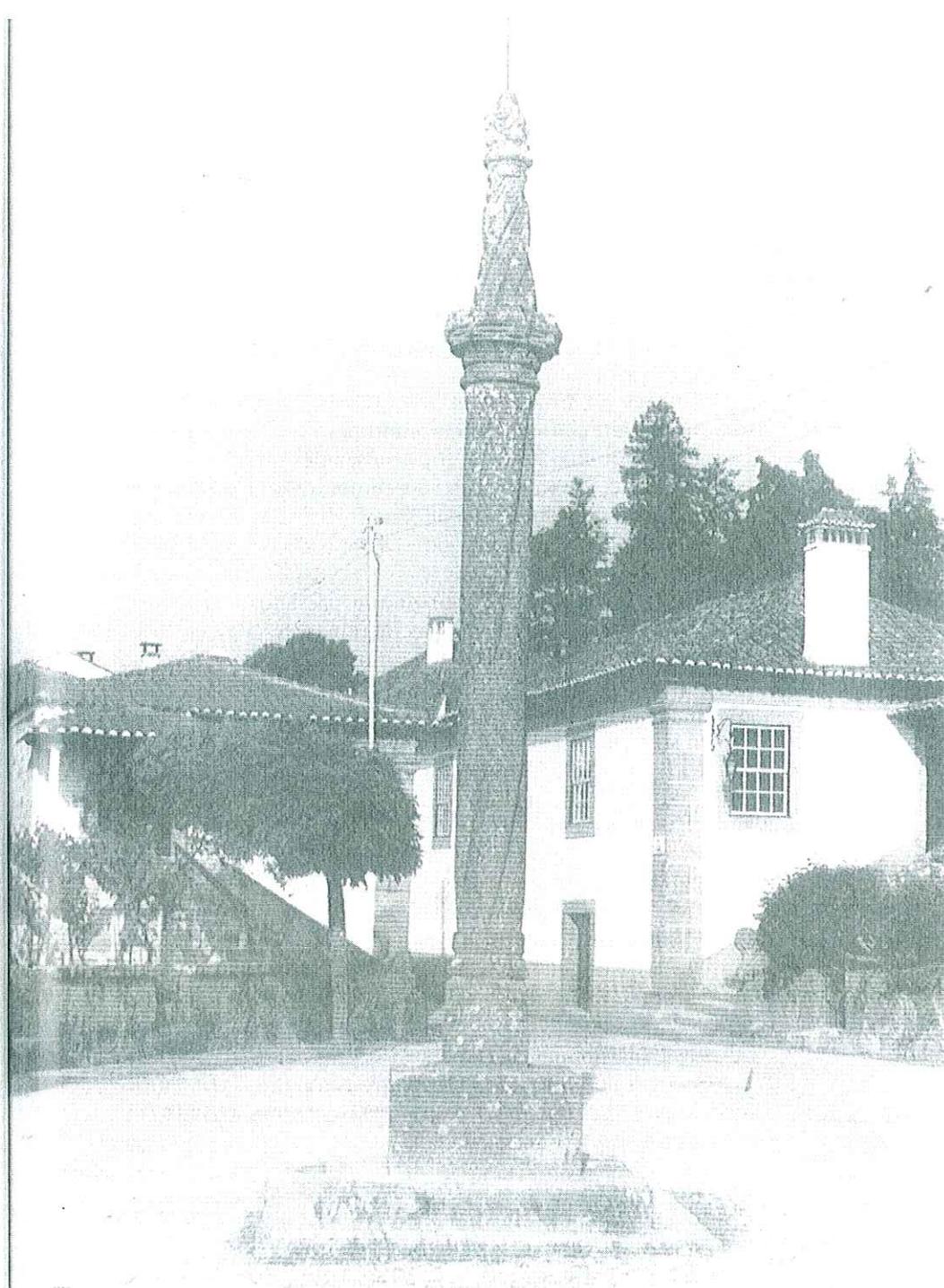
Sobre a genealogia de Fernão Gomes de Góis, que, por extensa, não vamos aqui referir, diremos apenas que, segundo os melhores linhagistas, a família de apelido Gois descendia de um aventureiro asturiano, que foi companheiro do Conde D. Henrique, seguindo, após a sua morte, a bandeira e hostes do filho D. Afonso.

«Fernão Gomes de Góis, deixou da sua opulência e gosto, inapagáveis vestígios. Além do túmulo, a ele devem ter pertencido também as célebres táboas quinhentistas que o malgrado oficial do exército, Américo Olavo, procurou identificar no estrangeiro, onde se encontravam e de onde não voltaram» (extracto de «O Distrito de Viseu», de Correia de Azevedo, pág. 80).

2. O PELOURINHO

Oliveira do Conde, como vila, sede do concelho que foi, tem ainda o seu esbelto Pelourinho Manuelino, constituído por uma coluna torsa, encimada por um pináculo. Um testemunho de nobreza desta povoação airosa e senhorial.

O Pelourinho descreveu-o, nestes termos, o consagrado mestre da especialidade, Mário Guedes Real: — Fundos sulcos, destacando a molduragem da base, pinhas cantonais no soco de traço medial circundante, largas estrias no fuste espiralado, labores reinterantes na gola do capitel, motivos ornamentais relevados no cimásio octogonal rebordante, pináculo de dupla cava dextritorsa, remate afeiçoado em cogulhos; tudo aberto na rudeza da pedra indócil que o canteiro domou com mestria imprimindo à matéria bruta e inerte as formas dum esbelto pelourinho de acentuados traços manuelinos (de «Pelourinhos da Beira Alta — XI — Oliveira do Conde», de M. Guedes Real, in revista «Beira



OLIVEIRA DO CONDE — Pelourinho Manuelino (Monumento Nacional)

Alta», volume V, pág. 93, transcrito na já referida obra de A. de Lucena e Vale «Beira Alta — Terra e Gente»).

É considerado Monumento Nacional.

3. OS ANTIGOS SENHORES E OS SOLARES

Oliveira do Conde, dos Senhores de Góis, foi assento dos Condes de Sortelha, transitando para os Condes de Vila Nova de Portimão e depois Marqueses de Abrantes.

Em 21 de Novembro de 1866, foi feito Barão de Oliveira do Conde, Miguel Borges de Castro Tavares e Azevedo, elevado depois a Visconde por Decreto de 29 de Maio de 1878.

Esta vila, ciosa do seu longínquo passado, e orgulhosa das suas sete casas abrasonadas, algumas desaparecidas já, tem ainda bonitos solares, e deles fazemos referência, como a Casa do Visconde, a Casa de Ceia (dos Albuquerque), frente ao Pelourinho, e o Solar dos Albergarias, um belo e típico solar da Beira, que, com a sua varanda, mantém, em toda a sua pureza arquitectónica, o cunho do século XV (foto da capa, que inclui também a Casa do Visconde).

Mas Oliveira do Conde tem ainda outros belos edifícios como as Casas da Quinta do Boiço, D. Luísa Soveral, Nicolau Ferraz, Rui de Pina, além de outras, de não menos importância, denotando a ancianidade desta povoação.

Oliveira do Conde tem associação recreativa e cultural.

Como já referimos, a freguesia de Oliveira do Conde ocupa uma área de cerca de um terço do concelho de Carregal do Sal.

Eis a sua população, com a evolução desde a 1.^a edição da Corografia Portuguesa, do Padre Carvalho, extraída do «Dicionário de Portugal Continental e Insular», 1934, de Américo Costa, volume VIII.

P. ^e Carvalho	(1708)	400 fogos	1220 habitantes
2. ^a Edição	(1868)	905 »	»
Est. Paroch.	(1862)	855 »	3463 »
Est. Civil	(1864)	»	3920 »
Censo	(1890)	1065 »	4442 »
Censo	(1900)	1058 »	3730 »
Censo	(1911)	1138 »	4032 »
Censo	(1920)	1074 »	3648 »
Censo	(1930)	1130 »	3690 »

Oliveira Freire, em 1755, dá-lhe 430 fogos e 1346 almas. Em 1981 tinha 3904 habitantes. Conta actualmente com 3020 eleitores.

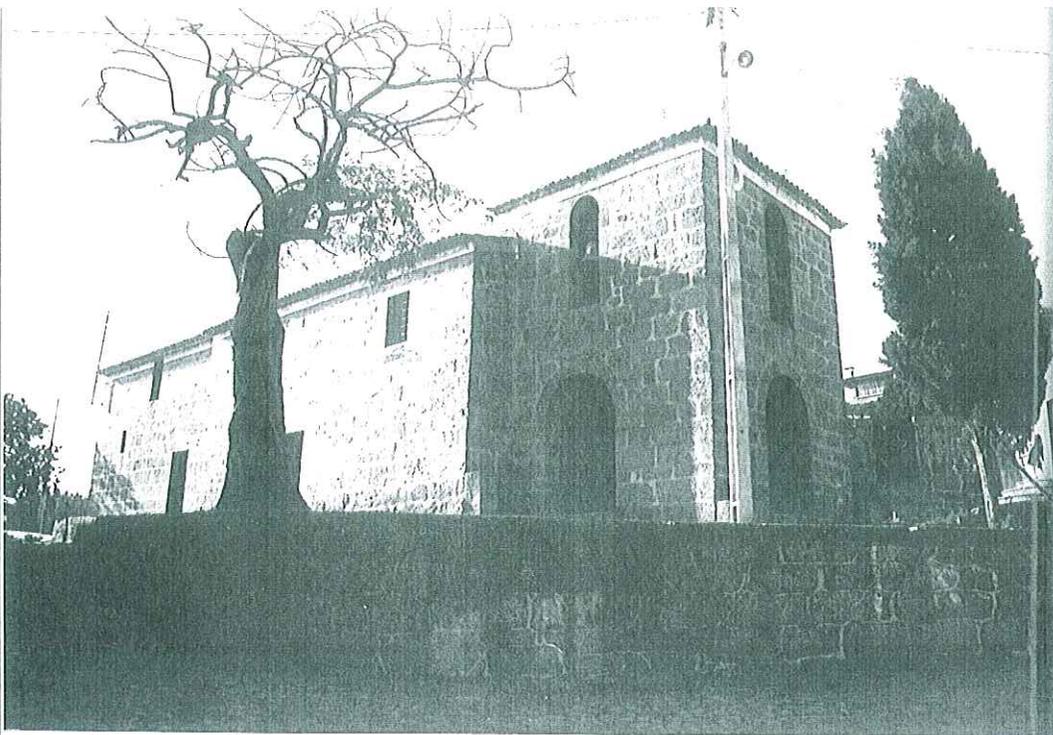
*
* *
*

Muitas povoações antigas salpicam o território da freguesia de Oliveira do Conde, e cuja história se perde também, na penumbra dos tempos. Vamos citar esses velhos povos, pois, sobre eles, algo temos a dizer:

b) TRAVANCA DE SÃO TOMÉ

Na estrada que liga Carregal do Sal a Cabanas de Viriato e que segue depois para Viseu (via São Gemil), fica-nos a cerca de 3 km e a 7 de Oliveira do Conde, sede da freguesia, TRAVANCA DE SÃO TOMÉ, povoação de passado longínquo, que conserva ainda muito da sua traça antiga.

Tem uma Capela Românica, devotada a S. Tomé, construída toda em pedra, com uma torre quadrada, e onde existia, desaparecido não há muitos anos, um relógio de sol.



TRAVANCA DE SÃO TOMÉ — Capela de São Tomé — Vista do exterior

Nesta Capela encontram-se dois túmulos imponentes e de bela talha, com legendas, ainda bem visíveis em toda a orla da sua parte superior.

Segundo a monografia «Midões e Seu Velho Município», de Almeida Veiga-António Duarte, 1912, Cernadas & C.^a-Livraria Editora, Lisboa, aqui repousam os restos mortais do 1.º Visconde de Midões, Roque Ribeiro d'Abranches Castelo Branco, oriundo das mais antigas e nobres famílias daquele extinto concelho, figura proeminente da revolução liberal, sendo um dos famosos do Sinédrio, que, no Porto, preparou a revolução de 24 de Agosto de 1820. Depois, e a partir de 1833, foi Perfeito da Província da Beira Alta, Grande do Reino, do Conselho de Sua Majestade e Fidalgo Cavaleiro da Casa Real.

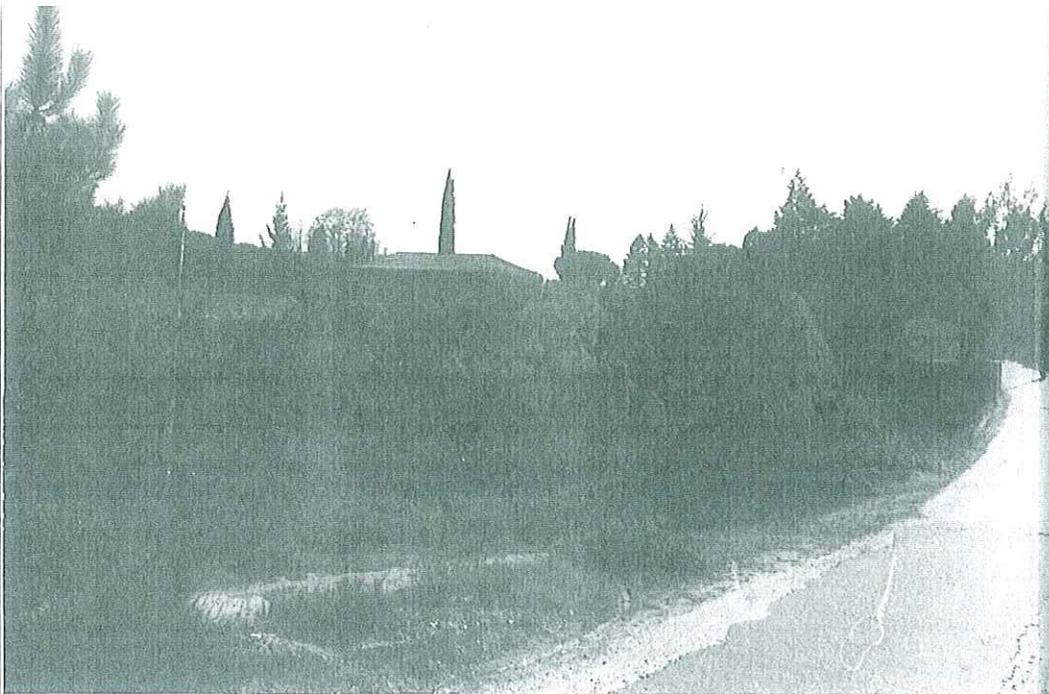


TRAVANCA DE SÃO TOMÉ — Capela de São Tomé — Vista do interior com os túmulos dos Ribeiros d'Abranches (Senhores da Várzea), um deles 1.º Visconde de Midões

Os Senhores da Casa da Várzea estão assim ligados a este velho povoado, e já em 1761, foi senhor e administrador da Capela de São Tomé de Travanca, Luís d'Abranches Castelo Branco, Intendente da Nau dos Quintos.

Foi terra de privilégios (foral dado ao lugar de Travanca por Dom Dinis, ano de 1326, e foral novo, concedido a Oliveira do Conde, por Dom Manuel, contemplando Travanca, em 1516).

Algumas casas, em granito, de traça antiga, com seus pátios murados e portais, denotam ainda o seu vetusto passado, com realce, também, para as casas de linhagem dos



CABRIZ — Paisagem junto à Ponte, vendo-se a antiga Casa dos Teles do Vale

velhos senhores (solar dos Garcias de Mascarenhas, figuras preponderantes, com história vasta e façanhas dignas de melhores páginas que as deste modesto trabalho).

Tem associação recreativa e clube desportivo esta povoação de velhas tradições culturais. E mantém viva a sua Festa Anual.

c) CABRIZ (ou CABRIZES)

Na estrada para Travanca, a menos de 1 km desta povoação, e, portanto, a escassos 2 do Carregal, há um local aprazível, junto à Ponte da Ribeira do Cabriz, e que deu o nome a este pedaço paradisíaco. A velha Casa do Cabriz (que foi dos Teles do Vale), na sua imponência e

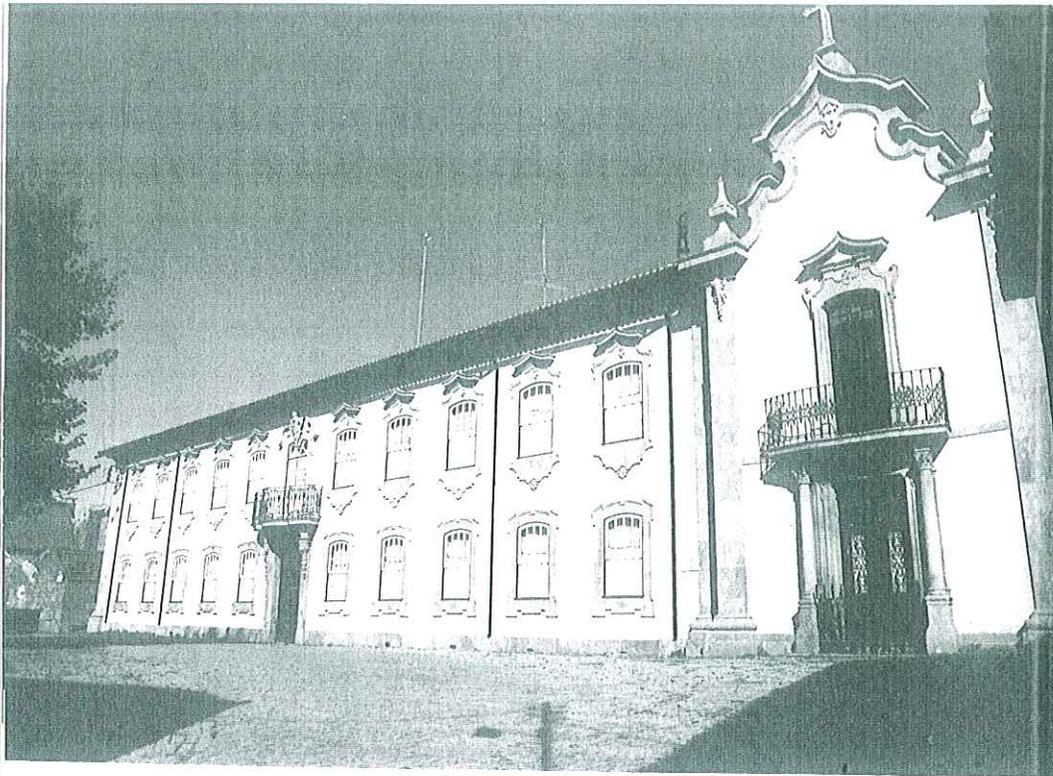
com seus muros e portais cobertos de hera, testemunho de faustoso passado, a densa vegetação, as águas calmas da Ribeira, os velhos e abandonados moinhos e as penedias de granito, mais abaixo, que o caudal esfarrapa, formando cascata, são componentes de um recanto maravilhoso, que muito nos arrebatou. Local turístico por excelência, porém quase esquecido.

d) ALVARELHOS

Alvarelhos, fica a menos de 3 km do Carregal do Sal, e a, sensivelmente, igual distância de Oliveira do Conde, sede da freguesia.

Outrora FONTE DO FRADE, Alvarelhos é uma povoação muito antiga (contemplada no foral novo de Dom Manuel, concedido a Oliveira do Conde, em 1516), cuja história se foi perdendo através dos séculos. A par das velhas casas do antigo povoado e atestando o seu vetusto passado, erguem-se hoje bonitas e modernas vivendas, fazendo de Alvarelhos uma das terras do concelho que mais cresceu e se desenvolveu no campo urbanístico. Dois factores devem ter contribuído, em boa medida, para o surto de progresso verificado nas últimas décadas, e que são, em nosso entender, a emigração (assinale-se a numerosa colónia de seus filhos, com a elevada posição económica, em Terras Brasileiras) e a proliferação de construtores civis entre os seus residentes.

A Casa da Fidalga (Solar de Alvarelhos, do século XVIII, com bonita capela privativa, outrora dos Cabrais Soares de Albergaria e depois dos Ornelas Sampaio e Melo), com elegante portão abrasonado e frondosa mata, é ainda hoje, um forte testemunho da importância que teve



ALVARELHOS — Casa da Fidalga

este antigo aglomerado populacional, e que parece ligar-se, pela história e lenda, à Nossa Senhora dos Carvalhais, e a que, adiante, faremos referência.

Já hoje não existe a célebre Fonte do Frade, desaparecida que foi há anos, com a instalação de modernos fontanários.

A actual Capela da povoação, teve a sua benção e inauguração, em 6 de Março de 1967, sofrendo depois obras de vulto, concluídas em 5 de Agosto de 1984. Esta Capela veio substituir uma outra, muito antiga, que foi demolida, devotada a Santo Alcixo, que continua a ser o padroeiro de Alvarelhos, enquanto o da nova Capela é o do Imaculado Coração de Jesus.

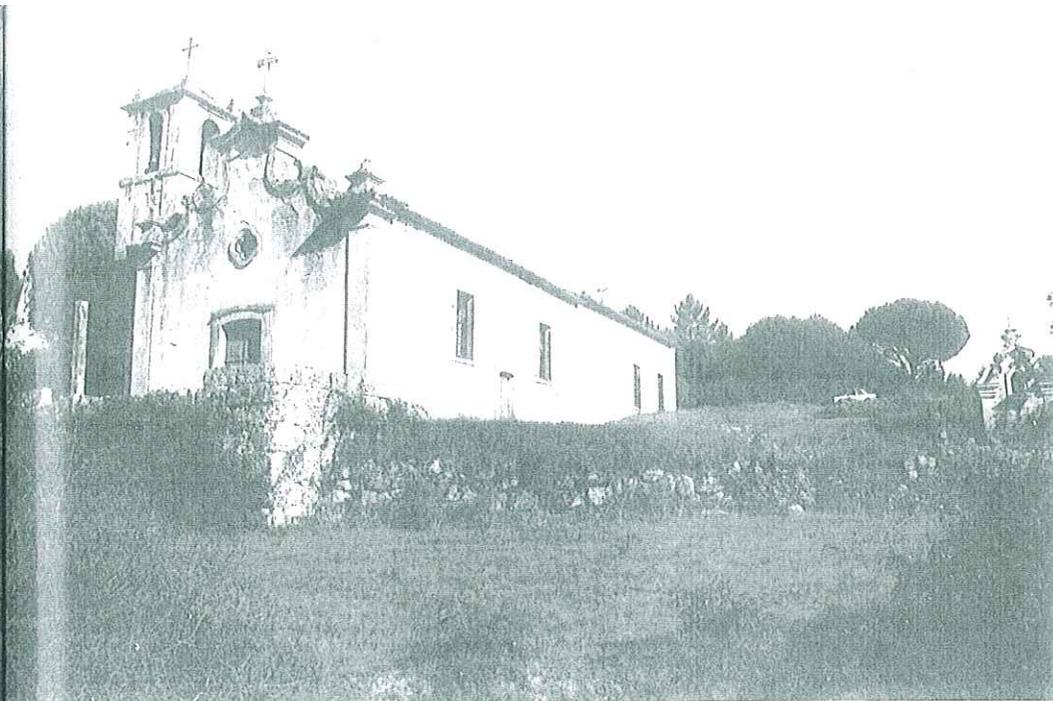
Foi Alvarelhos, há 46 anos, alvo de um acontecimento, talvez, insólito na época, que então correu mundo e de que ainda hoje muito se fala. Trata-se da célebre «PORCA DE ALVARELHOS», escultura em pedra de granito, do aludido animal, amamentando os seus sete leitõezinhos, espécie de talismã da povoação, e que, dali retirada para Santa Comba Dão, deu origem a acesa polémica e a um levantamento do povo, que só as forças policiais, em elevado número, conseguiram extinguir. A Porca não mais voltou, mas a história ficou, para sempre, ligada ao nome de Alvarelhos.

Alvarelhos tem associação recreativa e cultural.

e) CARVALHAIS

Relacionado, também, com a história de Alvarelhos, e daí, talvez, a existência, outrora, e de que ainda restam vestígios, de uma via sacra, com cruzeiros de pedra, todas iguais, a fazer a sua ligação, fica-nos, a cerca de 1 km daquela povoação e a 3 do Carregal, com estrada por Oliveirinha, que lhe fica muito perto, o local designado por CARVALHAIS, ou, mais precisamente, FEIRA DOS CARVALHAIS, por aqui se realizar ainda, mensalmente, o centenário mercado. Próximo fica a Ribeira, antigamente designada por Ribeira de Cabaninhas.

Aqui existe, já na vertente, a poente dos Carvalhais, uma fonte muito antiga, autêntica preciosidade, em pedra lavrada, com um nicho e mais de cinco metros de altura, encimada por uma cruz em pedra, hoje partida, jorrando água por uma curiosa e artística carranca, em granito, tendo escada de acesso e muros circundantes, tudo em granito lavrado.



CARVALHAIS — Antiquíssima Capela de Nossa Senhora dos Carvalhais, vendo-se à direita a Fonte

A poucos metros desta bonita e antiquíssima Fonte, fica a Capela de Nossa Senhora dos Carvalhais, construída, segundo se julga, nos primórdios do Século XI.

Segundo Pinho Leal no seu «Portugal Antigo e Moderno», págs. 273/274, e a que nos passamos a reportar, da mesma pedra da imagem da Senhora, havia uma pianinha com a data de 1001 (963 da Era de César, segundo se supõe), reinado, portanto, de D. Ramiro II, de Leão.

Conta a lenda que, quando da invasão dos mouros, por Almançor, Rei de Córdoba, que, quando da sua passagem, tudo destruíra a ferro e fogo, não escapando um só templo, havia, no local, um souto ou devesa de carvalhos cerquinhos, e a imagem da Senhora teria sido escondida no oco dum carvalho, onde foi encontrada, 18 anos mais tarde, salva da profanação dos invasores.

Evocando milagroso acontecimento, foi então erigida, no local, uma capela com a imagem de Nossa Senhora, e que, através dos séculos, e apesar das transformações e modificações sofridas, ficou conhecida por Capela de Nossa Senhora dos Carvalhais, ali se fazendo grandes romarias pela fama dos muitos milagres que se atribuíam à padroeira.

O local, embora sem o aproveitamento devido, é espaçoso, muito airoso e aprazível, e restos do seu remoto passado chegaram aos nossos dias, como a Ermida de São Romão, hoje caída por terra, cruzeiros ainda de pé e outros já tombados, e como que a reforçar a lenda, ali se encontra um carvalho secular, que anda vive, e em cujo tronco oco, caberiam, juntas, algumas pessoas.

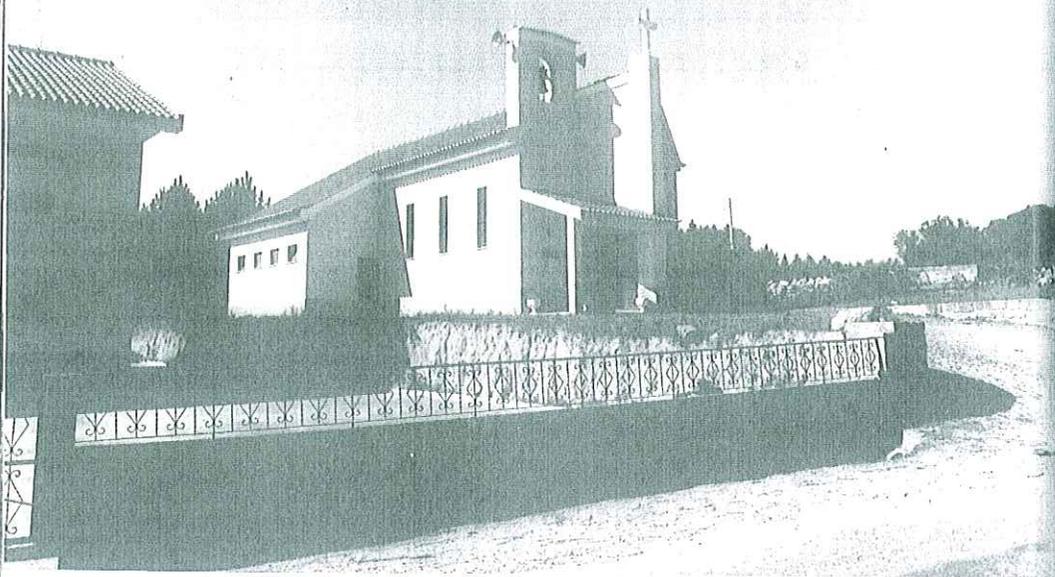
f) FIAIS DA TELHA

É uma terra populosa, sempre em crescimento, situada à beira da Estrada Nacional 234, a 4 km de Carregal do Sal e a 3 de Oliveira do Conde, sede da freguesia. É terra antiga, outrora conhecida por BEM JAZER (ainda hoje existe o local assim designado, junto à entrada nascente da povoação), tendo sido contemplada no foral novo de 1516, concedido por Dom Manuel, a Oliveira do Conde.

Fiais da Telha tem um dólmen ou anta de grande interesse, escondido entre pinhais e conhecido por LAPA DA ORCA. É considerado Monumento Nacional.

Tem também uma Capela antiga, com talha muito valiosa, devotada a Santo António, o padroeiro, realizando-se anualmente, no mês de Junho, a sua romaria, muito concorrida.





VILA MEÃ — Nova Capela de São Domingos

Fiais da Telha tem estabelecimentos comerciais e alguma indústria de certa valia (designadamente fabrico de móveis). Tem associação recreativa e cultural, com clube desportivo.

g) VILA MEÃ

Hoje, praticamente, ligada ao Carregal do Sal, pertence à freguesia de Oliveira do Conde, donde dista, por estrada, cerca de quatro quilómetros.

Villa Meaam, assim então se escrevia, foi terra que beneficiou de privilégios antigos (foral dado por Dom Dinis, em 1325, aos povoadores dos casais de Villa Meaan, e contemplada no foral novo, concedido por Dom Manuel, a Oliveira do Conde, em 1516).

Tem sepulturas pré-romanas feitas na rocha, sendo a mais importante a da Cova da Moura.

A Capela, de recente construção (inauguração e bênção em 15 de Maio de 1983), à entrada da povoação e em local



OLIVEIRINHA — Casa Solarenga de D. Maria das Neves

airoso, substituiu a anteriormente existente, encravada no meio da povoação, sem espaço, que foi demolida, tendo transitado para a nova Capela todas as imagens, inclusive, a do padroeiro, São Domingos, cuja festa se celebra, habitualmente, no primeiro domingo de Agosto.

O Rio Mondego passa perto desta localidade, e tem recantos de rara beleza.

Vila Meã é uma povoação risonha, com modernas habitações, a par de velho e antigo casario. Tem arreigadas tradições de cultura popular, estando ainda na lembrança dos mais velhos, a sua antiga tuna e os ranchos folclóricos.

h) OLIVEIRINHA

A cerca de dois quilómetros de Carregal do Sal, fica situada Oliveirinha, povoação também muito antiga, já tra-

tada no foral novo de 1516, concedido por Dom Manuel, a Oliveira do Conde, a cuja freguesia pertence e donde dista cerca de um quilómetro.

Esta povoação, de origem remota, e que conserva ainda a traça antiga no velho casario do núcleo primitivo, localizado a norte da linha do caminho de ferro da Beira Alta, desenvolveu-se, moderna e airosa, a partir do local designado por Calvário, ao longo da Estrada Nacional 234, com cruzamento de artérias rodoviárias para Oliveira do Hospital (via Ervedal da Beira) e Viseu (via São Gemil). Possui belas e modernas vivendas, disfruta de estação de caminhos de ferro, estabelecimentos comerciais de certa importância e fábricas de móveis e transformação de madeiras, sendo das mais progressivas terras do concelho.

Possui uma Capela antiga, com bonita talha do século XVII, restaurada em Fevereiro de 1983, e cuja padroeira é Nossa Senhora dos Prazeres.

Entre Oliveirinha e Oliveira do Conde, fica a Capela de Santo Amaro, com festas anuais por meados de Janeiro.

Algumas casas solarengas atestam o seu remoto e opulento passado, como a Casa de D. Maria das Neves, uma bonita e interessante vivenda, com sua capela privativa, envolta em denso e frondoso arvoredor.

Oliveirinha tem associação recreativa e cultural.

i) AZENHA

É uma pequena povoação da freguesia de Oliveira do Conde, quase ligada a esta localidade, atravessada pelo ribeiro do mesmo nome, que fertiliza seus campos.



AZENHA — Vista da Povoação

Nas proximidades desta localidade divisam-se ainda restos de estrada ou caminho romano, vestígios esses que se prolongam por mais de dois quilómetros, na direcção da Ponte sobre o Rio Mondego, a sul.

Recordamos desta povoação a tradição do seu «Buçaquito», festa que se realiza, anualmente, em Quinta Feira de Ascensão.

j) ALBERGARIA

É também uma pequena povoação da freguesia de Oliveira do Conde, donde dista cerca de três quilómetros, e hoje ligada ao Carregal do Sal.



ALBERGARIA — Vista da Entrada da Povoação

Tem uma Capela antiga, devotada a São João, ao fundo do povoado, autêntico miradouro, donde se disfruta uma paisagem maravilhosa, desde os campos e várzeas de cultivo, no vale, a seus pés, até aos altos píncaros da Serra da Estrela.

Anualmente, a 24 de Junho, realiza-se ali a centenária romaria, devotada a São João, de antigas e arreigadas tradições.

É uma pequena aldeia que, todavia, já é referida, como «Póvoa de Albergaria», no «Cadastro da População do Reino», de 1527 («Dicionário de Portugal Continental a Insular», 1934, de Américo Costa, Volume IV).

1) CONCLUSÃO

Acabámos o nosso «apontamento» sobre a freguesia de Oliveira do Conde, que já vem sendo longo para tão limitado espaço de que dispomos.

Muito mais teríamos para dizer, pois a sua história é uma fonte inesgotável de acontecimentos que nos absorveria todo o tempo e campo de intervenção deste modesto trabalho.

Há, porém, um tema que, pelo seu interesse, rebuscámos nos muitos arquivos e diligências que fizemos, mas, com pena nossa, não conseguimos trazê-lo a este «memorial».

Trata-se do foral de Dom Dinis, e que, segundo Pinho Leal, teria sido concedido no ano de 1286. Do velho foral de Dom Dinis, temos referências relativas aos anos de 1317, 1318, 1322, 1323, 1325 e 1326, incluindo Travanca e Vila Meã.

Vamos assim transcrever, do Livro dos Forais Novos da Beira, um extracto do foral concedido por D. Manuel, em 20 de Dezembro de 1516, a Oliveira do Conde, contemplando algumas das povoações que ainda hoje se integram na sua freguesia.

FORAL NOVO CONCEDIDO POR D. MANUEL EM 1516

AA VILA E TERRA DOLIVEIRA DO CONDE
PER FORAAES DEL REY DOM DINIS

Dom Manuell ect.

E por qumto na dita villa e terra ouve nos tempos passados muytas contendas e demandas em nossa corte perante os juizes e

desembargadores que ordenamos pera os feitos dos foraaes de todos nossos Regnos amtre os senhorios dos dercitos Reaaes delles e os moradores da dita villa e terra por tamto mandamos primeiramente trelladar e asentiar neste nosso forall as semtenças dos ditos feitos originalmente com suas deçraraçoões e limitaçoões especiaaes e jeraaes com todallas outras leis e determinaçoões que jeralmente mandamos poer e asentiar em todollos ditos foraaes do Regno.

Primeiramente a semtença que se deu em todollos foros dollyveira e nos outros Ramos seus anejos todos de seu termo a saber. Acordam em Rellaçam os do desembargo del Rey que visto o libello e artigos dos autores e contrariedade do Reeo e jnquiriçoões e foraaes e seprituradas per huma e outra parte tiradas e offerecidas E vista a carta del Rey dom dinjs pella quall se mostra o dito Rey dar oliveira de comde a trinta e hum povoadores e que lhe pagassem ho oytavo do pam e vinho e legumes E como se prova per as jnquiriçoões que em este feito sam offerecidas ho reeo e seus antecesores sempre recebem dos moradores do dito comçelho ho oytavo das sobre ditas cousas E assy hé contheudo em a dita carta que se mais casaaes se fizessem que delles se pagase ho oytavo todo assy visto deçraram os autores serem obrigados de darem e pagarem ao Reeo em cada hum anno ho oytavo das sobre ditas cousas: a saber. de pam e vinho. e linho e legumes E assy pagará cada hum hum gorazill por natall e hum capam e dez ovos e hum almude de trigo por fogaça por sam miguell E por elle meo alqueire desta medida E assy daram deiradega cada hum seis alqueires de pam de segumda e por todos alqueire e meyo dagora E nam seram obrigados de pagarem outro foro.

OLIVEIRINHA

E per o sobre dito modo pagarão os moradores de oliveirinha que se soya chamar carvalhaes E esto sem embargo da carta del

Rey dom dinjs por quanto se mostra per outra carta que o dito Rey dom dinjs deu de foro toda a terra e julgado doliveira a oytavo de cujo termo hé a dita oliveirinha E visto como sempre da dita terra de oliveirinha se pagou a oytavo e nam sexto.

VILLA MEAAM

E quanto aa villa meaam deçraram que os moradores della paguem ao Reeo o sexto do pam vinho e linho e legumes E mais pagará cada hum morador dos capooens e dez ovos per sam miguell e senhos alqueires de cemteo e de mjlho por eiradega. a saber. por cada alqueire destes huma quarta da medida corremte. E senhas teigas de trigo em a eira por fogaça por cada teiga hum alqueire dagora E senhos gorazijs per natal taaes quaaes se dam em oliveira e senhos (146) molhos de linho quall abranger a fevera do linho por eiradega e senhas quartas de vinho por cada quarta seis quartillos correntes despois que as vinhas derem dous puçaaes de vinho dezimados. a saber. dezaseis almudes E assy daram por sam Joham hum boom carneiro por pedido do mordomo o quall pagarão todos juntamente E pagar se á mais ao senhorio da casa e vinha Reguenga os dercitos do foral pollas deçraraçoões destroutras medidas e pollo sesteiro quatro almudes corremtes.

TRAVANCA

E quanto à terra de travanca deçraramos que os moradores paguem o sexto do pam vinho e linho e legumes e daram da cada casall tres alqueires de cemteo e tres de mjlho e hum almude de trigo limpo na eira de fogaça tudo pella medida sobre dita e hum capam com doze ovos em setembro e hum molho de linho quanto abranger a fevera de linho por eiradega e hum gorazil por natal e será de hum palmo em fumdo e hum couto em cima E se nom tiver porco ou porca pagará tres soldose por cada hum soldo homze çeptis de seis ao reall E se fezer vinho pocrá tres vezes o pec presentemte o mordomo e mais nam.

FONTE DE FRADE

E quamto aa terra de fomte de frade que se chama bem jazer decraram que os moradores della paguem ho oytavo do pam vinho linho e de todollos fruitos que de suas lavramças colhrem E assy pagarão de cada casall polla festa de sam mjguell senhos capooens e dez ovos e *tres (repetido)* alqueires de trigo pella festa do natall e hum gorazill da cada casall E assy decraram que os moradores de todallas sobreditas terras paguem juntamente de colheita cemto e vimte oyto Reaes.

MEDIDAS

E assy decraram que os foros que os moradores das

Dada na nossa muy nobre e sempre leall cidade de lixboa aos vimte dias do mes de dezembro danno do nacimiento de nosso senhor Jesu Cristo de mjll e quinhentos e dezaseis. E sobscrito pello dito fernam de pina Em dezoito folhas menos bii regras ⁽¹⁸¹⁾

2. FREGUESIA DE BEIJÓS

BEIJÓS, PARDIEIROS, PÓVOA DA APEGADA, PÓVOA DE LISBOA e PÓVOA DE ENTRE-RIBEIROS, são os povos desta freguesia, a mais a norte e distante do concelho.

Analisamos cada uma destas povoações, algumas bem pequenas, mas em que o pouco conhecido da sua história tem de ser lembrado, nesta memória evocativa dos 150 anos do concelho de Carregal do Sal.

Começaremos pela sede da freguesia, como é natural.

a) BEIJÓS

Sede da freguesia, fica situada na Estrada que vai de Oliveirinha a Viseu (via São Gemil), a 12 km do Carregal do Sal, sendo muito remotas as suas origens.

É povoação essencialmente agrícola, com as ribeiras e ribeiros fertilizando os seus campos, muito produtivos, constituindo, passe a expressão, a fina flor da agricultura do concelho.

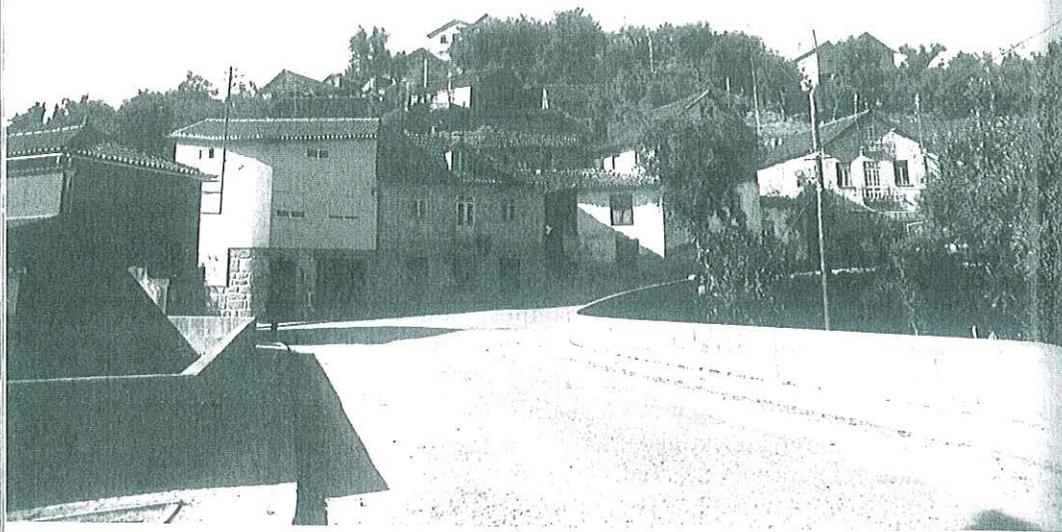
Não se conhece muito da sua história, embora se saiba que fez parte do extinto concelho de Oliveira do Conde, sendo referenciada em velhos documentos. A sua antiguidade, porém, não oferece dúvidas, bastando olhar, a par de algumas casas abrasonadas, o seu velho casario, as ruas e ruelas, espelhando-se na Ribeira que a atravessa e divide em duas partes.

Atentaremos ainda ao pequeno monte, denominado «Outeiro do Castelo», sobranceiro à povoação, virada a norte, onde existem ainda vestígios de uma antiga fortaleza, de natureza e traçado difícil de determinar, e cuja história se desconhece, não existindo tradições nem lendas a seu respeito (in «Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses» — Lisboa, 1945, pág. 517, de João Almeida).

Mas Beijós tem um arco no povoado e uma ponte sobre a Ribeira (Vale da Loba) que tudo leva a crer sejam de construção romana.

Também, recentemente, foram encontrados, nos limites de Beijós, achados arqueológicos de muito interesse, que vêm confirmar as origens romanas deste aglomerado populacional.

Recolhendo informações «in loco», passamos também a relatar alguns extractos do jornal «Arauto», n.ºs 42 e 43, de Abril e Maio de 1974, respectivamente, e n.º 131, de Junho



BEIJÓS — Povoação, junto à Ribeira

de 1981, que, gentilmente, nos foram cedidos pelo pároco local.

No lugar das Chãs, foi encontrada, há pouco tempo ainda, por um agricultor, uma pedra com uma inscrição latina inédita, a cerca de 50 metros de dois túmulos, cavados na rocha, em cabeços diferentes.

A pedra, em mármore, com parte desaparecida, do lado direito e desgastada na parte inferior, tem decoração muito bela, combinando adornos geométricos e vegetais. A legenda que apresenta é a seguinte:

«AVRELIO (...) PANIANO (...) ALBVRA (...) MARITO ET SIBI». A tradução seria «Albura dedica ao marido Aurélio Paniano e a si». É possível, porém, que outros dizeres figurassem da lápide, que seria de um túmulo romano, possivelmente, do tempo do imperador Trajano (fins do século I e início do século II D. C.), dado o tipo de letra, capital quadrado e bem desenhado.

Em toda a zona do Milreu, em Beijós, se encontraram achados arqueológicos abundantes, desde túmulos, pedra trabalhada e cerâmica (tégulas, tijolos e ânforas), e nas Riachas, terreno próximo, foi posta a descoberto, uma lagareta, com uma pedra trabalhada que seria para o esmagamento de uvas ou outros géneros, denotando, em todo aquele local, a existência, outrora, de uma povoação romana, já com a sua organização e arte apurada, mas há muito desaparecida.

Beijós tem uma bela e espaçosa Igreja, devotada a São João Batista, todavia, simples, com dois altares laterais de alguma riqueza artística.

Na rua principal e estrada que atravessa a povoação, encontra-se à sua beira uma Capela antiquíssima, de extraordinário interesse artístico, mormente da sua frontaria, hoje já sem utilização e em deplorável estado de conservação, pertença de um particular, que foi devotada à Senhora das Areias, e que, segundo nos foi informado, no local, por um venerável ancião, teria sido construída e pertença dos Cortes-Reais, célebres navegadores portugueses dos finais do século XV. À volta do templo, velhos edifícios, de traça antiga, com pedras de granito sabiamente esculpidas, ali se vendo também o já falado arco romano sobre o passadiço, outrora caminho único e, portanto, obrigatório na travessia da povoação, a caminho do Rio Dão e na senda de Viseu, vendo-se as pedras limadas e corroídas pelos rodados dos carros e diligências de tracção animal, talvez, ao longo de séculos de permanente servidão.

Em Beijós tivemos, ainda, a oportunidade de constatar a existência de vários fontanários, tendo a assinalar o desaparecimento de uma antiga fonte de chafurdo, com escadaria em pedra, conservando-se ainda a frontaria em granito, artisticamente lavrada.



b) PARDIEIROS

Povoação da freguesia de Beijós, é atravessada pela estrada que liga esta localidade a Moreira e dali com vias de acesso para Viseu e Nelas. Dista 3 km da sede da freguesia e 15 km de Carregal do Sal, sendo o povo mais distante da sede do concelho.

Os seus campos atingem, a norte, as margens do Rio Dão, limitando, bem próximo, a este e nordeste, com terras do concelho de Viseu. Note-se, como curiosidade, que já em 1612, num documento de demarcação entre o concelho de Oliveira do Conde e o termo da cidade de Viseu, se referia que, a partir do marco da Pedra dos Galhos, a linha de demarcação inflectia à ponte, na direcção de Pardieiros.

Povoação que, como tantas outras do concelho, vive ainda, essencialmente, da agricultura, tem uma antiga e bonita Capela, devotada a Santo Antão. Ali existe ainda, embora sem utilização, uma fonte remota, reconstruída em 1863, atestando o velho passado desta típica povoação.

c) PÓVOA DA APEGADA

A 10 km da sede do concelho e a 3 km de Beijós, sede da freguesia, fica este povo antigo, que outrora se teria chamado Póvoa de Coimbra e que assim figura do «Cadastrro da População do Reino», 1527, a que já fizemos referência.

Tem uma Capela, no centro da povoação, dedicada à Senhora da Apegada.



PÓVOA DA APEGADA — Capela da Senhora da Apegada

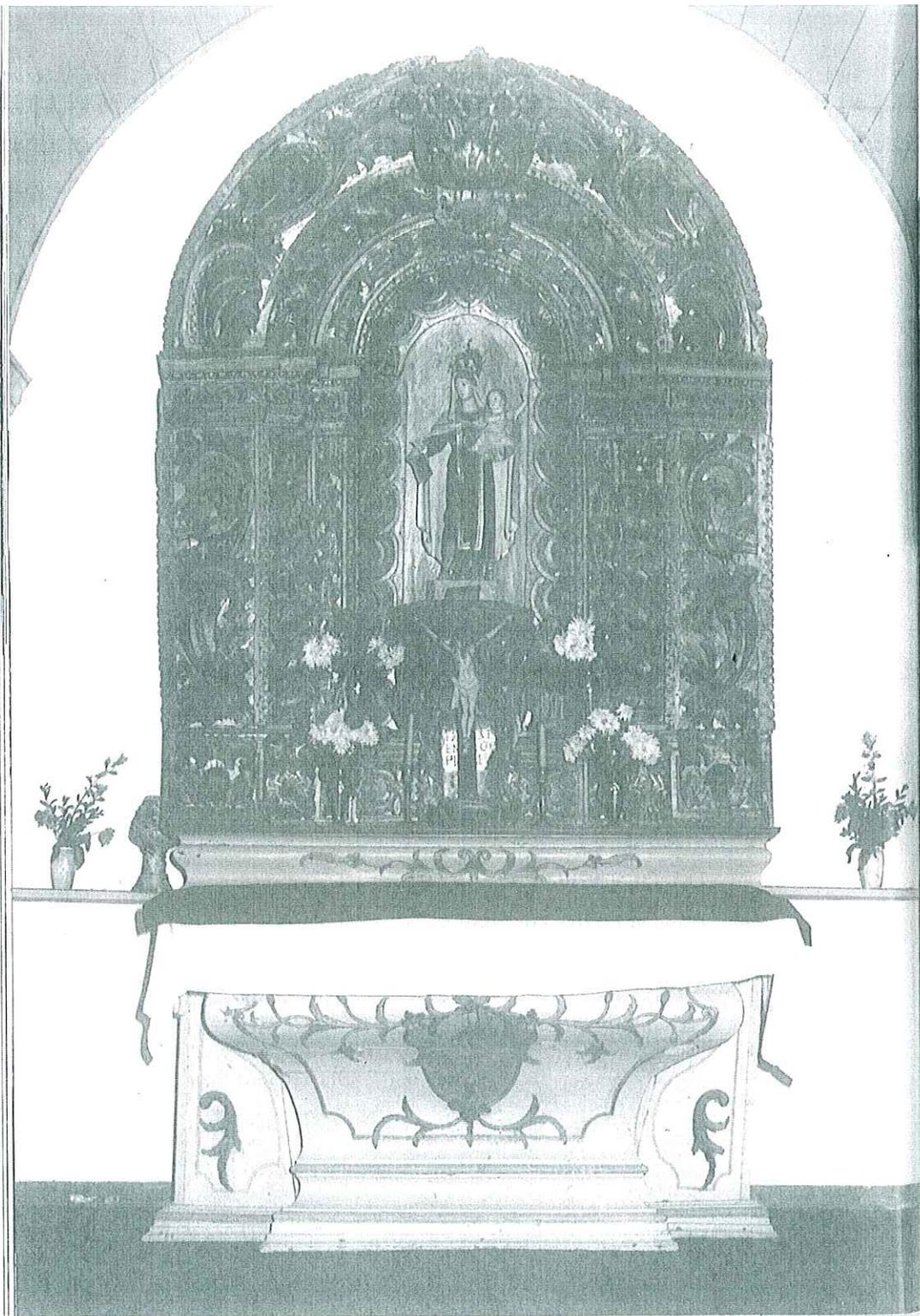
É atravessada pela estrada que a liga às Lacciras e a Beijós, e com acesso também para a Póvoa de Lisboa, e Póvoa de Santo António (antiga Póvoa de Santarém), esta do concelho de Nelas, aglomerados que lhe ficam muito próximos.

d) PÓVOA DE LISBOA

É uma pequena povoação, também da freguesia de Beijós, quase nos limites com o concelho de Nelas, a 12 km de Carregal do Sal e a 2 km da sede da freguesia.

Tem um ramal de acesso à estrada que a liga a Beijós, Póvoa da Apegada e Póvoa de Santo António.

Tem uma capelinha, em honra de Nossa Senhora do Carmo, com festa que se celebra a 18 de Junho. No referido



PÓVOA DE ENTRE-RIBEIROS — Paisagem do local

templo existe um valioso e artístico altar. Examinámos no local uma fonte antiga, muito interessante, embora hoje sem utilização.

Póvoa de Lisboa, que também figura do «Cadastro da População do Reino», de 1527, e a que vimos fazendo referência, consta também de vários outros documentos, objecto de análise, designadamente, de demarcação entre os extintos concelhos de Oliveira do Conde e Aguiçeira.

e) PÓVOA DE ENTRE-RIBEIROS

Pequeno aglomerado, próximo da Póvoa de Lisboa e da Póvoa de Santo António, esta a antiga e já referida Póvoa de Santarém. Fica, assim, mesmo no limite dos dois concelhos, Carregal do Sal e Nelas (antigos Oliveira do Conde e Aguiçeira). Encontra-se hoje, praticamente, despovoado.

Acabámos de fazer uma breve resenha sobre a freguesia de Beijós, de terras ribeirinhas e bem férteis, que os seus povos amanham com desvelo, numa luta sem tréguas e que se desenvolve ao longo de todo o ano. Aqui, como em todas as zonas rurais, a eterna odisseia da gente que vive do cultivo da terra.

E terminamos com a apresentação dos dados estatísticos sobre a população desta freguesia, a partir de 1706 (1.ª edição da Corografia Portuguesa, do Padre António Carvalho da Costa), extraída do «Dicionário de Portugal Continental e Insular», de Américo da Costa:

P.º Carvalho	(1708)	140 fogos	
2.ª Edição	(1868)	411 »	
Est. Paroch.	(1862)	350 »	1400 habitantes
Est. Civil	(1864)		1748 »
Censo	(1890)	397 »	1624 »
Censo	(1900)		1001 »
Censo	(1911)	260 »	1083 »
Censo	(1920)		Não consta
Censo	(1930)		Não consta

Em 1981 o número de habitantes era de 1429. Conta actualmente com 1162 eleitores.

3. FREGUESIA DE CABANAS DE VIRIATO

Tem esta freguesia apenas duas povoações: a sede, do mesmo nome, e as LACEIRAS. É, todavia, uma das mais populosas freguesias do concelho e também das mais importantes. Vamos, pois, falar das suas terras e das suas gentes e que, mesmo num simples trabalho como o nosso, muito teremos, ainda assim, para contar.

a) CABANAS DE VIRIATO

Cabanas, terra antiga, um pouco a norte da Ribeira a que então teria dado o nome de «Ribeira de Cabaninhas», fica situada a quatro quilómetros de Carregal do Sal, na estrada que vai de Oliveirinha a Viseu (via São Gemil), onde se cruza com a estrada que do Carregal vai por Travanca de São Tomé, seguindo depois o mesmo rumo, e a de acesso às Ladeiras e que dali segue também para Canas de Senhorim.

É uma povoação muito antiga, que pertenceu ao extinto concelho de Oliveira do Conde.

Um conjunto de vários núcleos ou pequenos povos constitui Cabanas de Viriato (Pedrógão, Aido, Outeiro de Baixo, Outeiro de Cima, Casaínhos, Cerejeirinha, Cerca e Fundo de Vila) que, no seu todo, é hoje uma povoação importante, bastante populosa e que se vem desenvolvendo de forma acentuada. Tem estação dos C.T.T., Bombeiros Voluntários, uma Filarmónica que data de 1872, conjunto musical, clube de futebol e associações culturais.

Arruamentos novos surgiram nos últimos anos e o desenvolvimento desta grande e risonha povoação é bem evidente. Cabanas tem estabelecimentos comerciais de certa valia e algumas indústrias dignas de nota como as de fabrico de fibras e palha de aço.

Não se conhece muito sobre a história antiga de Cabanas. Esperamos, confiantes, nas investigações a que vamos procedendo. E poderemos desde já dizer que existem documentos que a ela fazem referência no ano de 1289.

São Cristóvão é, desde longa data, o padroeiro da Paróquia. Sabe-se que da Igreja de São Cristóvão de Cabanas tomou posse, em 1524, D. Luís da Silveira, 1.º Conde de Sortelha, e D. Diogo da Silveira, seu filho,



CABANAS DE VIRIATO — Cristo-Rei

2.º Conde, em 1558. Em 1649 tomou posse das rendas e padroado de Cabanas o 2.º Conde de Figueiró, D. Pedro de Lancastrre, em nome de seu filho D. José Luís de Lancastrre, por morte da mãe.

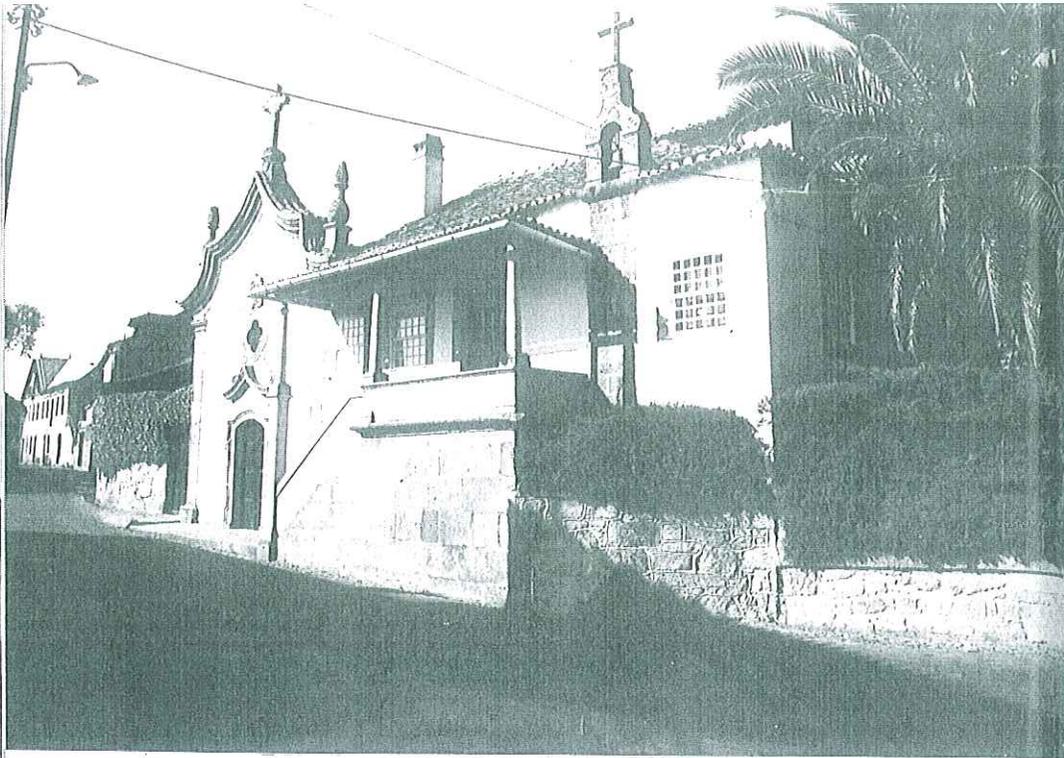
A Igreja tem hoje o bonito altar do Senhor dos Passos, construído em 1896 e o de Nossa Senhora da Conceição, tendo desaparecido já o altar do Senhor das Almas, que teve depois a imagem do Crucificado, muito antiga e que pertencera a uma das ermidas da Senhora dos Milagres, nas Ladeiras, e que já não existe.

Cabanas tem dois cruzeiros com interesse e várias sepulturas pré-romanas abertas nos rochedos, sendo de assinalar num só local, a Soila, quatro sepulturas juntas e outra a escassos metros.

Interessantíssima é também a conhecida Lapa da Moura, e que é formada por um penedo sobre o outro, prodigiosamente equilibrado, dando a ideia de cavalete ou bigorna, tendo inscrições que não conseguimos decifrar.

Tem Cabanas um imponente monumento a Cristo-Rei, e que foi trazido da Bélgica, em blocos, pelo então cônsul de Portugal naquele País, Dr. Aristides de Sousa Mendes do Amaral e Abranches, homem de rara sensibilidade artística, bem vincada na sua antiga moradia e quinta de São Cristóvão, onde hoje, em local urbanizado e aprazível, constituindo um belo miradouro, foi implantado o referido monumento.

Justo será lembrar aqui o homem que, quando cônsul de Portugal em Bordéus, desobedecendo, por razões de consciência, às ordens do governo de Salazar, em 1940, concedeu vistos a milhares de judeus que fugiam da França, para escaparem às perseguições nazis, salvando-os assim do holocausto, o que lhe valeu a expulsão da carreira diplomática e a impossibilidade de exercer a advocacia, caindo gradualmente na miséria.



CABANAS DE VIRIATO — Casa abrasoadada com capela *

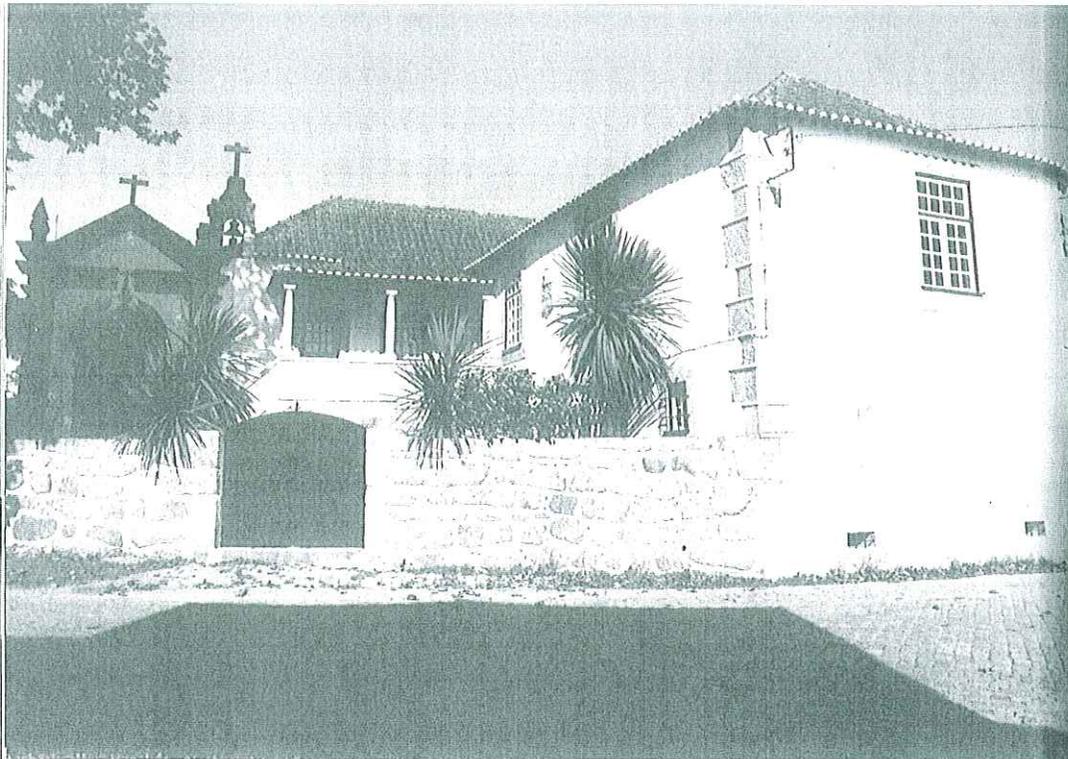
Este homem, considerado um herói no estrangeiro, vai finalmente ser reabilitado e homenageado publicamente na sua Pátria («The Washington Post», «Los Angeles Times News Service» e «O Jornal», de 10-10-86).

A atestar de Cabanas, o seu passado distante, ainda hoje se pode examinar o antigo casario de alguns dos seus povos e várias casas solarengas ou abrasoadadas, como a que foi, e hoje reconstruída, do famigerado Administrador do Concelho (1850-1855) António Soares de Albergaria, com capela privativa, a Casa Alarcão, também com capela privativa, restaurada há poucos anos, a Casa dos Viscondes de Midões, Ribeiros Abranches, Senhores da Várzea, restaurada, restando da traça antiga a cozinha com sua imponente

chaminé, estilo Renascença, artisticamente lavrada e com a bonita capela devotada a Santa Eufémia, tendo na fachada o brasão dos Viscondes e hoje pertença de um particular, a Casa dos Bernardes de Miranda, tipo abrasoadado, com a capela do Casal, datada de 1726, a casa com brasão dos Silvérios Lobo, com a interessante e antiga Capela da Senhora do Amparo, que foi do Morgado de Fróis, havendo ainda pela sua vetustez (construção do século XVI) a Casa dos Teles do Vale e a bonita vivenda dos Teixeiras de Abreu.

*
* *

Cabanas de Viriato tem tradições culturais com destaque na música e no teatro e aqui evocamos *Orsini de Miranda*, coreógrafo, encenador e pintor, e também *Mário Sacadura*, extraordinário no palco e muito especialmente na música, ambos desaparecidos já, o último bem recentemente ainda, dois homens que levaram longe o traço bem vincado na sua arte e o deixaram inapagável na terra do famoso ALEXANDRE DE AZEVEDO, nascido em Cabanas em 1873 e falecido no Rio de Janeiro em 1944, que foi actor de excepcionais recursos, notabilizando-se em muitas peças nacionais e estrangeiras, desde o drama à opereta, tendo sido organizador do Teatro da Natureza, no Jardim da Estrela, em Lisboa, tendo também valorizado o chamado «teatro guinhol» e criado um género de mímica dramática, pequenos actos com música descritiva, fazendo com esse reportório larga digressão pela Europa. Foi também empresário em Espanha e Brasil. Foi condecorado com a «Ordem de Santiago».



CABANAS DE VIRIATO — Bonita vivenda com capela restaurada

E, como, em geral, todo o concelho, Cabanas é terra de gente alegre e foliona, sendo de realçar o seu animado e concorrido Carnaval, de velhas tradições, cartaz genuíno e muito conhecido pela sua «Dança Grande» ou «Dança dos Cus».

b) LACEIRAS

A cerca de três quilómetros de Cabanas, a cuja freguesia pertence, e, portanto, a sete da sede do concelho, fica a povoação das Laceiras, uma das aldeias mais típicas do concelho, toda ela vestindo antiguidade, quer no traçado das suas mais vetustas moradias, quer nas varandas, sacadas



LACEIRAS — Capela de Nossa Senhora dos Milagres

e portões, quer ainda nos muros e caminhos. Algumas ruínas de antigos edifícios são também marcas expressivas.

Lacciras ou «Lanceiras», figura em velhos documentos e a sua existência data de tempos muito remotos. A emigração foi o fenómeno, na década de 60, que mais se fez sentir nesta povoação, essencialmente rural.

Anualmente, em 15 de Agosto, realiza-se a festa em honra de Nossa Senhora dos Milagres, no aprazível local da Lomba de São Tiago, à entrada da povoação, constituindo uma romaria muito movimentada.

Foi um eremita, Padre Domingos Gomes, do templo da Senhora do Castelo, em Azurara da Beira (Mangualde), cuja mãe, viúva e doente, vivia sozinha nas Laceiras, que, em 1680, construiu a bonita Capela sobre as ruínas de uma

antiga ermida, que outrora ali existira, dedicada a São Tiago, o Santo Apóstolo.

Em 1706 ficaram concluídas, ainda em vida do fundador da Capela, a via-sacra com 13 bonitas ermidas.

Hoje, o local, um tanto modificado e desaparecidas algumas das antigas preciosidades, é ainda um recanto adorável e com esplêndido miradouro que um roteiro turístico não pode esquecer.

Laceiras possui ainda uma outra Capela, dedicada a São Tiago, que teria substituído a primitiva, desaparecida da já referida Lomba de São Tiago e onde se construiu a Capela de Nossa Senhora dos Milagres.

*
* *
*

Citadas que foram as duas povoações —Cabanas e Laceiras— apresentamos um quadro da evolução da população da freguesia, a partir da 1.ª edição da «Corôgrafia Portuguesa», do Padre Carvalho, e extraída do «Dicionário de Portugal Continental e Insular», de Américo Costa, volume IV.

P.º Carvalho	(1706)	230	fogos	
2.ª Edição	(1868)	514	»	
Est. Paroch.	(1862)	644	»	1988 habitantes
Est. Civil	(1864)			2184 »
Censo	(1890)	604	»	2577 »
Censo	(1900)	630	»	2454 »
Censo	(1911)	684	»	2612 »
Censo	(1920)	663	»	2383 »
Censo	(1930)	890	»	2496 »

A população da freguesia em 1981 era de 1663 habitantes. O número actual de eleitores é de 1426.

4. FREGUESIA DE PAPÍSIOS

São três as povoações que constituem esta freguesia —PAPÍSIOS, PÓVOA DA ARNOSA e PINHEIRO— e delas vamos falar um pouco.

a) PAPÍSIOS

A 4 km do Carregal, Papísios é de origem muito antiga e consta já do documento de doação de D. Afonso Henriques, em 1137 (Papizenos, tal como Pinicirino, hoje Pinheiro, Ulveira de Currelos e Carregal).

Localidade muito remota e de reconhecidos privilégios, Papísios pertenceu à Universidade de Coimbra, fazendo parte do termo da cidade de Viseu, tendo, segundo alguns escritos, pertencido também ao extinto concelho de Besteiros.

A sua Igreja, à entrada nascente da povoação, dedicada a São Miguel, é um belo templo. Poderão examinar-se, guarnecendo o seu interior, os bonitos e ricos azulejos.

Esta Igreja foi reedificada e ampliada em 1769. Vejamos, como nota curiosa, o que nos diz, neste sentido, o «Correio de Papísios», ano III, Maio de 1971, n.º 26, sob o título «Subsídios históricos», com elementos extraídos da revista trimestral «Beira Alta», ano XXX, n.º I, págs. 109 e segs., e que, amavelmente, nos foi cedido pelo pároco local:

«Manuel Gonçalves de Figueiredo e os mais eleitos da Igreja de São Miguel de Papísios, reedificaram a fundamentis o velho templo da freguesia, ampliando-o, por se achar quase arruinado e nada decente para as funções litúrgicas».



PAPÍSIOS — Azulejos da Igreja Matriz da Freguesia de Papisios

Obra arrematada por António da Costa Faro e Domingos Francisco Cabral, por um conto e dezoito mil réis, com ano e meio para a realização — escritura de 17 de Novembro de 1763.

As obras de madeira foram entregues aos mestres carpinteiros Pascoal da Fonseca, de Alvarelhos, e Manuel Pereira, de Galifões, por 380 000 réis, conforme escritura de 11 de Agosto de 1764.

A norte, e bem próximo, passa o rio Dão, oferecendo alguns locais de rara beleza, como o Marcudo e Pego Morto, antigos portos fluviais, referidos em velhos documentos e que pertenciam ao Senhorio de Currelos.



PÓVOA DA ARNOSA — Vista do Centro da Povoação

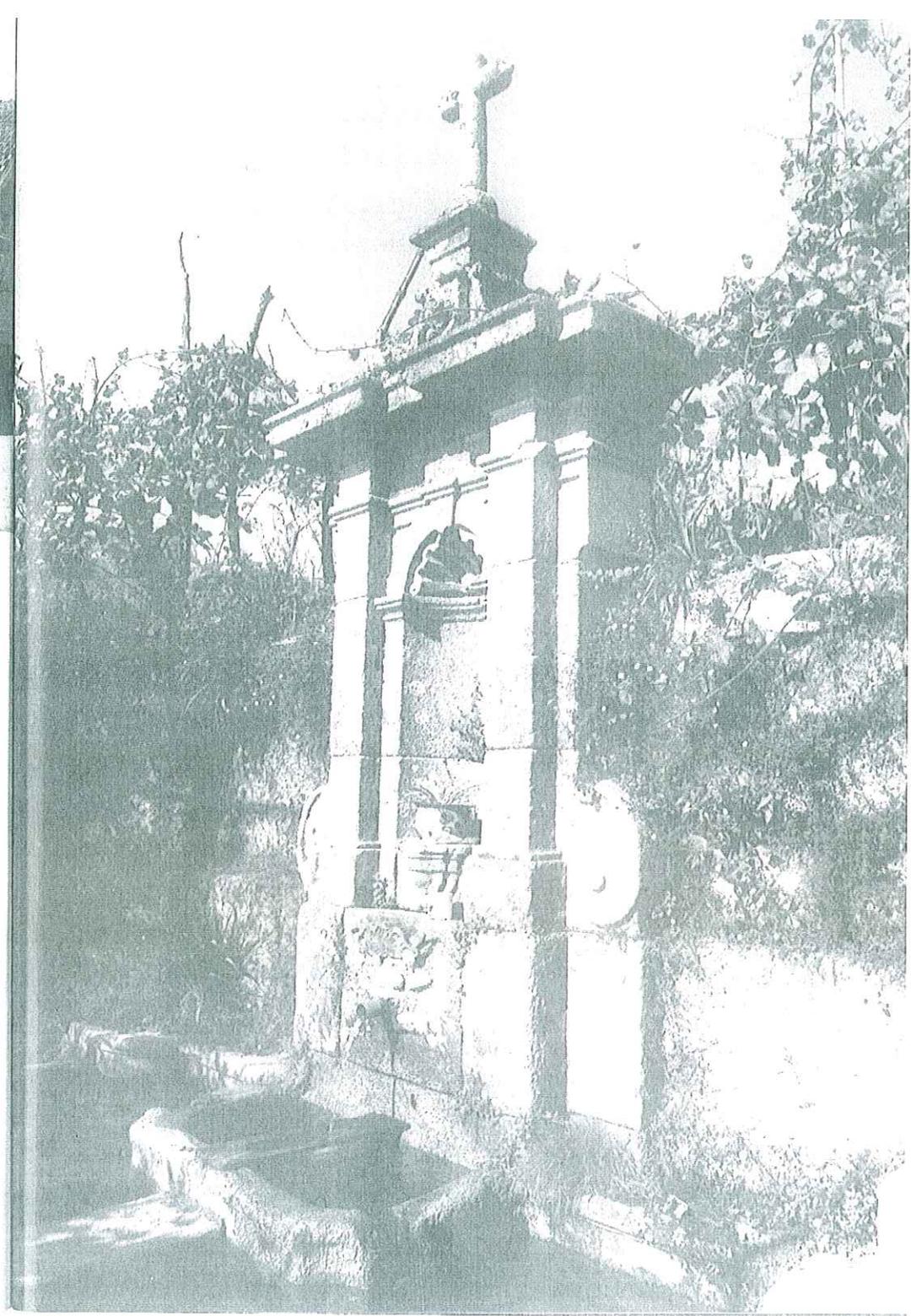
A par de construções modernas, Papísios tem velho e antigo casario, assinalando um passado remoto, sendo de realçar, pela sua ancianidade e dimensões, as casas dos Drs. Melo Cabral e Nicolau Luís Damião.

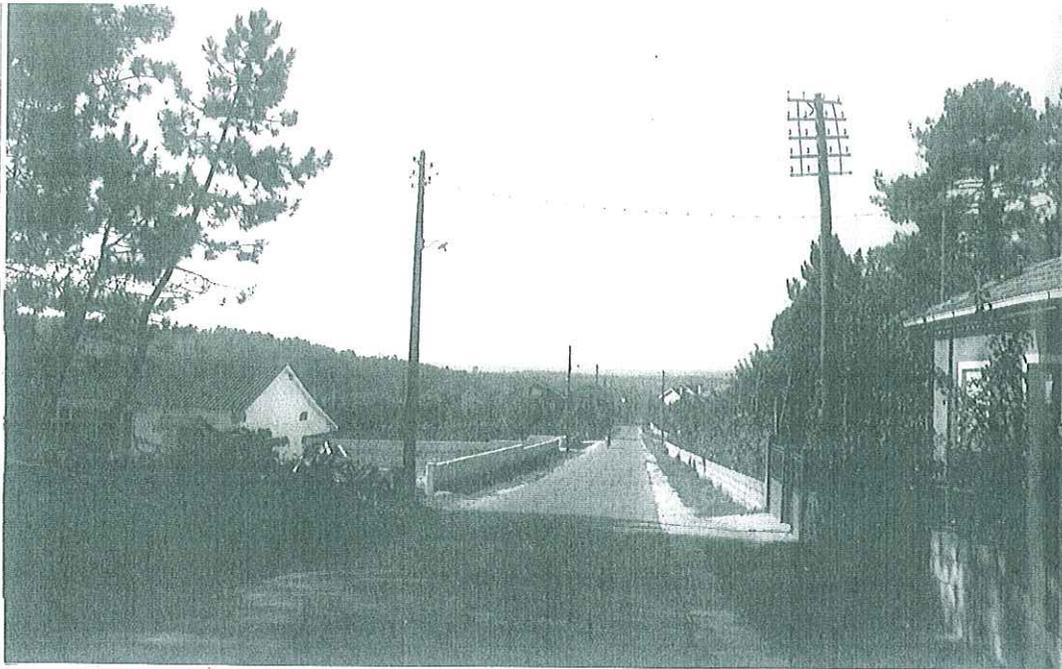
Há em Papísios um bonito fontanário muito antigo e artisticamente lavrado.

b) PÓVOA DA ARNOSA

Antiga Póvoa da Arenosa, entre Pinheiro e Papísios, consta também de velhos documentos. Sempre ligada à sede da freguesia, com ela partilhou o seu passado, tendo pertencido à Universidade de Coimbra e fazendo parte do termo da cidade de Viseu.

Tinha uma capelinha fundada por Manuel Marques, nos fins do século XVII, devotada à Senhora da Guia e que hoje não existe já ao serviço do culto.





PINHEIRO — Vista da Entrada da Povoação

c) PINHEIRO

Povoação também muito antiga (Pinieirino, como já referimos, num documento de 1137) que muito se tem desenvolvido, estando hoje, praticamente, ligada ao Carregal.

A emigração foi marco dominante dos anos 60, podendo hoje ver-se bonitas e modernas vivendas, muitas ao longo da estrada de acesso ao Carregal, construídas com os fundos que os naturais desta risonha povoação angariaram, especialmente em terras de França e Alemanha. Foi a luta dum povo trabalhador, mas que valeu a pena!

Esta localidade fez parte do termo de Viseu, tal como o Sobral, a que adiante faremos referência, e que foram pertença do Senhorio de Currelos. Tem uma Capela em

honra de Nossa Senhora da Conceição, com as suas festas anuais, templo esse antiquíssimo, que, segundo a tradição, teria sido a primitiva paróquia da freguesia, e a sua capela-mor é a capela actual.

Pinheiro tem associação recreativa e cultural.

* *
*

Perto desta povoação e junto da Ribeira que, não muito longe, se lança no rio Dão, existiu, outrora, um aglomerado populacional, designado por PÓVOA DA AZENHA, cujas ruínas de casario ainda hoje se notam pelo local.

Acabámos de fazer um pequeno apontamento sobre os povos da freguesia de Papísios.

Não queremos terminar, porém, sem a referência aos dados estatísticos relativos à população e sua evolução, extraídos do «Dicionário de Portugal Continental e Insular», de Américo da Costa, volume VIII, no que concerne ao período decorrido desde a 1.^a edição da «Corografia Portuguesa», do Padre Carvalho, até ao ano de 1930. Foi, pois, assim, ao longo dos anos, a população da risonha freguesia de Papísios:

P. ^e Carvalho	(1708)	180 fogos		
2. ^a Edição	(1868)	284 »		
Est. Paroch.	(1862)	299 »	1008 habitantes	
Est. Civil	(1864)		1206 »	
Censo	(1890)	364 »	1453 »	
Censo	(1900)	345 »	1242 »	
Censo	(1911)	352 »	1392 »	
Censo	(1920)	356 »	1255 »	
Censo	(1930)	336 »	1297 »	

Em 1981 tinha 867 habitantes. Tem actualmente 695 eleitores.

5. FREGUESIA DE PARADA

São também três os povos que constituem esta freguesia — PARADA, PÓVOA DE SANTO AMARO e PÓVOA DAS FORCADAS.

Esta freguesia pertenceu ao concelho de São João de Areias, extinto por Decreto de 7 de Setembro de 1895, data em que ficou ligada ao concelho de Carregal do Sal, que atingiu, assim, as suas actuais dimensões.

Em 1836, quando da criação do concelho do Carregal, tinha Parada 230 fogos e 900 indivíduos («Diário do Governo», n.º 252, de 24-10-1836).

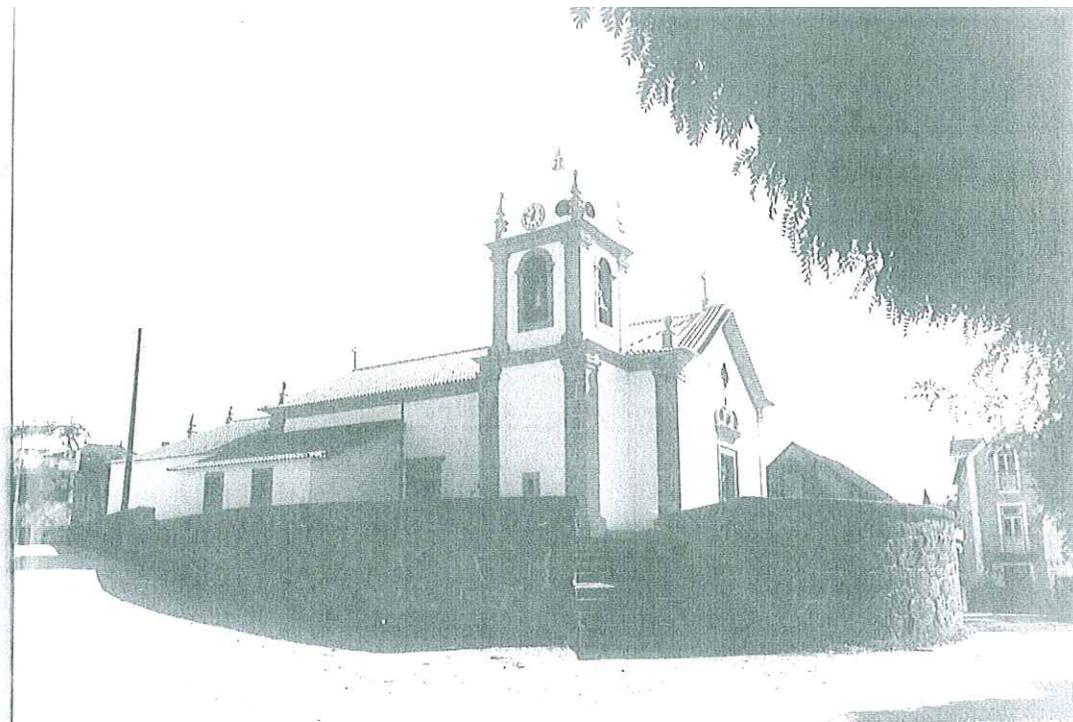
Vamos referir-nos agora às suas povoações, que por falta de documentos, não teremos muito para dizer, apesar do seu longínquo passado. E começamos, como temos feito, pela sede da freguesia.

a) PARADA

Dista escassos 5 km de Carregal do Sal. Terra com bastante população, é zona essencialmente agrícola, tendo sofrido, todavia, forte impacto com a corrente de emigração, em princípio para o Brasil, Estados Unidos e Venezuela, e na década de sessenta demandando os países da Europa (França, Alemanha, Luxemburgo, etc.).

Embora pouco se conheça do seu passado, é, contudo, povo muito antigo, pois no documento de doação de 1137, a que vimos fazendo referência, já o seu nome ali figura.

Também, datada de 1264 (1226 da Era de Cristo), existe uma escritura em que Mendo Sanches, de Ulveira de Currelas, doa, por sua morte, ao Bispo D. Egas e ao Cabido de Viseu, a metade que possuía da vila de Ulveira (Curre-



PARADA — Igreja Matriz da Freguesia de Parada

los) e da vila de Parada («Diálogos Morais e Políticos», de Manuel Botelho Ribeiro Pereira, manuscrito do século XVII, editado em 1955 pela Junta de Província da Beira Alta, fls. 338 e 339).

É possível que em investigações futuras se faça mais luz sobre este importante aglomerado.

A Igreja Matriz é dedicada a São Miguel, padroeiro da freguesia. Bem situada e espaçosa, são notáveis as pinturas do seu tecto.

De salientar, por curiosidade, que, segundo a revista «Beira Alta», do ano de 1978, volume 37, págs. 445-446, por escritura de 25 de Março de 1745, os eleitos em nome do povo e freguesia de Parada, por necessidade de se fazer de novo a Igreja daquele local, entregaram a obra, arrematada

por 359 000 réis, aos mestres pedreiros Damião José, do lugar de Papísios, e Manuel do Couto, da vila e então conchelho de São João das Areias.

Segundo a mesma escritura, a obra, com o corpo da Igreja e Torre, teria de ser acabada até à Páscoa primeira que viesse de 746 (...).

Data, assim, de 1746, a actual Igreja da freguesia de Parada.

A sul da povoação, junto do rio Mondego, existia a Capela da Senhora da Ribeira, que deu o nome ao aprazível local, onde, anualmente, em 15 de Agosto, se fazia uma interessante e típica romaria, aproveitada também para natação e banhos, na piscina natural do rio e confraternização com os lautos farnéis expostos no arraial.

A Barragem da Aguieira alagou o local e os extensos e férteis terrenos de cultura adjacentes, estando agora no espírito de alguns paradenses a reedificação da capelinha num local mais alto e liberto das águas.

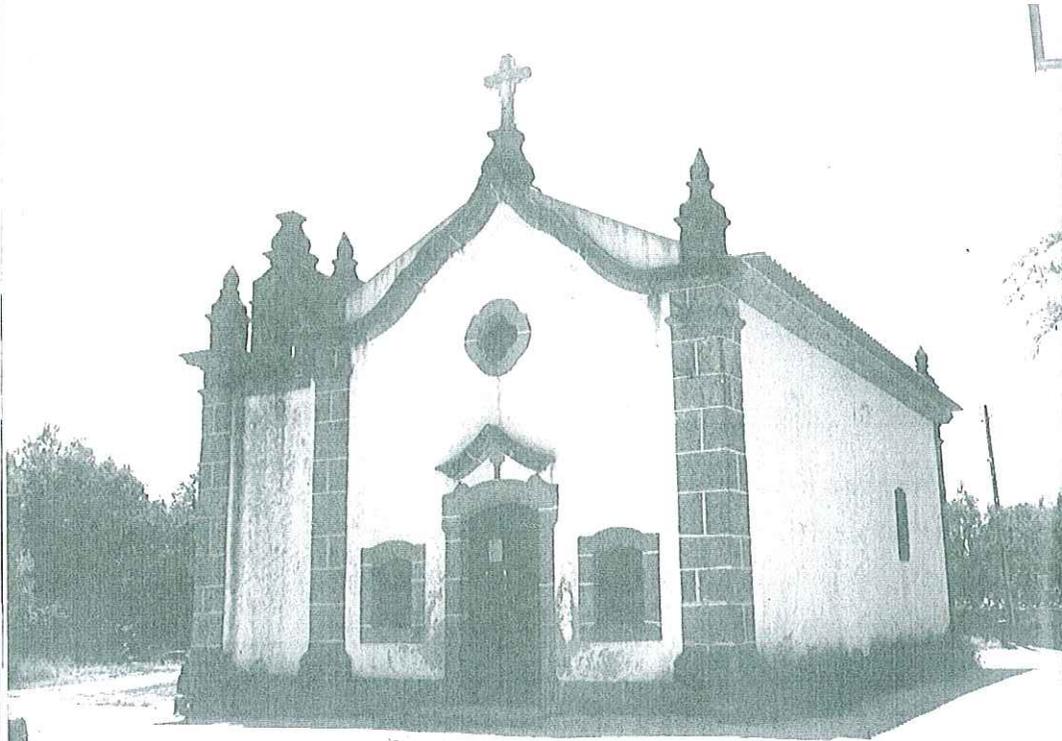
Parada tem associação recreativa e cultural.

b) PÓVOA DE SANTO AMARO

Antiga Póvoa do Sapo, a escassos 4 km do Carregal, é povoação da freguesia de Parada, donde dista cerca de 1 km. Tem uma bonita Capela dedicada a Santo Amaro, onde, a 15 de Janeiro, se faz, anualmente, a sua romaria.

Terra de tradições culturais e artísticas (as suas tunas e clubes ficaram famosos), sofreu também os efeitos da emigração, tendo ainda hoje numerosa colónia espalhada pelas Américas.





PÓVOA DE SANTO AMARO — Capela de Santo Amaro

c) PÓVOA DAS FORCADAS

A 3 km do Carregal, é outra das povoações da freguesia de Parada, com uma capela dedicada a Santo António, também com festas anuais em Junho.

Designava-se, outrora, por Póvoa da Francelheira, como se referem vários documentos, objecto do nosso estudo. O então chamado *Vale dos Forcados*, parece estar ligado às origens do nome actual da povoação. De notar que ainda hoje se designa por *Francelheira* uma vasta zona a este e nordeste da povoação.



Terminada que foi esta breve resenha sobre os povos da freguesia de Parada, vamos, como temos feito com outras freguesias, apresentar a evolução da sua população, desde a 1.^a edição da «Corografia Portuguesa», do Padre Carvalho, e extraída do «Dicionário de Portugal Continental e Insular», de Américo da Costa, volume VIII:

P. ^o Carvalho	(1708)	176 fogos	
2. ^a Edição	(1868)	267 »	
Est. Paroch.	(1862)	300 »	1236 habitantes
Est. Civil	(1864)		1203 »
Censo	(1890)	363 »	1414 »
Censo	(1900)	381 »	1313 »
Censo	(1911)	462 »	1684 »
Censo	(1920)	444 »	1417 »
Censo	(1930)	463 »	1612 »

O número de habitantes desta freguesia, em 1981, era de 1032. Tem actualmente 883 eleitores.

6. FREGUESIA DO SOBRAL

Tem uma só povoação esta freguesia, a mais pequena do concelho de Carregal do Sal.

Sobral, primitivo «Soveral», esteve secularmente ligado a Papísios, e daí a razão por que, ainda hoje, se costuma ouvir falar em «Sobral de Papísios».

Sobral, porém, mercê da sua importância, nos fins do século XVII, mais, precisamente, em 1695, desmembrou-se da freguesia de Papísios e passou a constituir uma freguesia própria.

Sobral foi em tempos idos, terra preponderante, de requintada fidalguia e nobreza.



Documentos do século XIII, referem-se já ao Sobral (então «Soveral»), povoação opulenta e privilegiada. «Todo o território de Papísios era, ainda no século XIII, de cavaleiros-fidalgos, que o traziam por honra com Sobral: «cal de militibus et nullum forum faciunt regi» (diz-se nas Inquirições de 1258). Possivelmente esta fidalguia, senhora da honra de Papísios, tinha por antepassado no século X aquele notável prócer («Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira», volume XXIX, pág. 383).

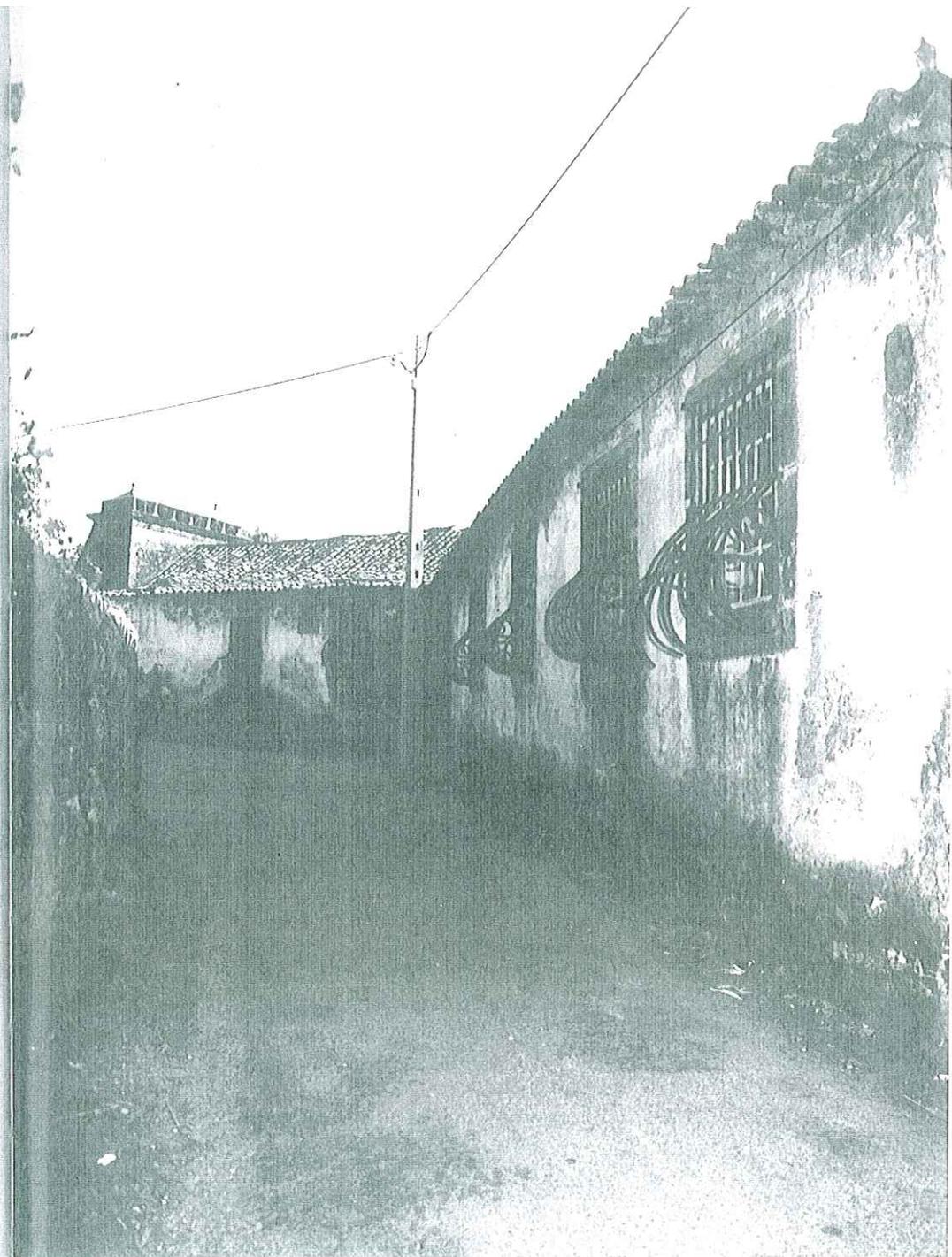
Diz-nos a mesma Enciclopédia que o povoamento do Sobral é muito antigo e já pode considerar-se organizado este lugar em «villa» rústica ou dentro de uma, no século X, pois neste século já existia a «villa» de Papizinhos que correspondia a Papísios e que devia conter o local do Sobral.

Ainda segundo a mesma Enciclopédia, no ano de 981, a «villa» de Papizinhos, com Sobral, foi doada ao Mosteiro de Lorvão, por D. Oveco Garcia, fidalgo, senhor também de Treixedo e outras «villas» vizinhas.

Ainda pertencia ao termo da cidade de Viseu em 1836. Mas Sobral, em tempos mais antigos, teria feito parte do extinto concelho de Besteiros.

A sua Igreja é devotada à Senhora das Boas Novas, que, anualmente, se festeja em 21 de Novembro. O templo, que sucederia à ermida, antiquíssima, de Santa Maria, servindo de capela-mór e acrescentando-se-lhe a nave, teria sido reedificada (segundo a tradição) à volta do ano de 1600 por jesuítas do lugar.

Dista 12 km da sede do concelho, pelas estradas actuais, quando, em linha recta, não seriam mais de 3. O seu ancestral isolamento, em relação à sede do concelho, esteve prestes a terminar, com a construção da via directa Carregal do Sal-Tondela, então já autorizada, no início de 1974, após



SOBRAL — Casa antiga

uma extraordinária movimentação de apoio dos povos das duas margens do rio Dão, interessados neste importantíssimo melhoramento, e cujo estudo começou há mais de meio século. Posteriormente, esse projecto foi posto de parte, e encetados outros, sem que, até agora, algo de concreto se tenha realizado.

A norte da povoação do Sobral fica o rio Dão, que uma ponte atravessa, em local aprazível, dando acesso a Ferreiros do Dão e outras terras do concelho de Tondela.

Sobral tem associação recreativa e cultural.

A evolução da sua população foi a seguinte, segundo o «Dicionário de Portugal Continental e Insular», de Américo da Costa, volume XI, e a partir da publicação da 1.ª edição da «Corografia Portuguesa», do Padre Carvalho:

P.º Carvalho	(1706)	50 fogos		
2.ª Edição	(1868)	88 »		
Est. Paroch.	(1862)	93 »	278 habitantes	
Est. Civil	(1864)		331 »	
Censo	(1890)	113 »	385 »	
Censo	(1900)	119 »	407 »	
Censo	(1911)	129 »	422 »	
Censo	(1920)	132 »	397 »	
Censo	(1930)	140 »	468 »	
Censo	(1940)	196 »	468 »	

Em 1981 tinha 359 habitantes. Conta actualmente com 280 eleitores.

EPÍLOGO

A CABÁAMOS esta monografia, que é, também guia e roteiro sobre o concelho de Carregal do Sal.

Nas linhas que antecedem, procurámos, de uma forma tão ligeira quão singela, expressar os seus recantos, as suas gentes, a tradição e a lenda, um pouco da história dos seus velhos povoados!

Marcámos o presente, voltando os olhos ao passado!

As comemorações dos cento e cinquenta anos do concelho foram mola real que impulsionou a feitura deste trabalho, o primeiro no género, e que esperamos seja um incentivo e um ponto de apoio para outros mais eloquentes e valorizados!

E talvez por isso, pensando no futuro, ele fica para os jovens de hoje como um testemunho, ou melhor, uma evocativa mensagem que um dia possam transmitir aos netos, mil vezes melhorada, ao comemorarem os 200 anos!...

6 DE NOVEMBRO DE 1836!... O Marco Histórico, que as gerações jamais esquecerão, e que os documentos que seguem, através dos tempos, não-de sempre atestar!...

BIBLIOGRAFIA

- BEIRA ALTA — TERRA E GENTE (Uma Trindade Artística) — De A. de Lucena e Vale. Edição da Comissão Municipal de Turismo, Viseu, 1958.
- COROGRAFIA PORTUGUESA — Do Padre António de Carvalho da Costa, 1706.
- DIÁLOGOS MORAIS E POLÍTICOS — De Manuel Botelho Ribeiro Pereira.
- DICIONÁRIO DE PORTUGAL CONTINENTAL E INSULAR — De Américo da Costa, 1934.
- O DISTRITO DE VISEU — De Azevedo Correia.
- GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA.
- GUIA DE PORTUGAL — Da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2.^a edição, 3.^o volume, 2.^a parte.
- A IGREJA DE SÃO PEDRO DE OLIVEIRA DO CONDE — De Alexandre Alves.
- JORNAIS: «O DIÁRIO», de 10/10/86; «O ARAUTO»; «CORREIO DE PAPÍSIOS»; «DIÁRIO DO GOVERNO», 2.^o semestre de 1836 e 1.^o semestre de 1837.
- LELLO UNIVERSAL — Dicionário Enciclopédico Luso-Brasileiro.
- LENDAS PORTUGUESAS — De Fernanda Frasão, 3.^o volume, págs. 35/38.
- LIVRO DE FORAIS NOVOS DA BEIRA — Fls. 145 v.^o, col. 1.^a.
- MEMÓRIAS PAROQUIAIS DA FREGUESIA DE CURRELOS — 1758.
- MIDÕES E SEU VELHO MUNICÍPIO — Monografia — De Almeida Veiga e António Duarte, 1912.
- PELOURINHOS DA BEIRA ALTA - XI - Oliveira do Conde — De M. Guedes Real, in «Revista Beira Alta».

PORTUGAL ANTIGO E MODERNO (Diccionario) — De Augusto Soares de Azevedo Barbosa Pinho Leal, 1873.

ROTEIRO DE MONUMENTOS MILITARES PORTUGUESES — Lisboa, 1945.

TERRAS PORTUGUESAS — De Batista Lima, 1933.

TRÊS TÚMULOS — De Virgílio Correia.

OUTROS APOIOS

AFONSO ALFEU PAIS DE SOUSA SANTOS — Contactos pessoais e trabalhos ofertados a instituições.

ANÁLISE E OBSERVAÇÃO PESSOAL DO AUTOR.

ÍNDICE

<i>INTRODUÇÃO</i>	3
Capítulo I — TRAÇOS GEOGRÁFICOS	9
Capítulo II — RESENHA HISTÓRICA	13
<i>a)</i> Tempos Antigos	13
<i>b)</i> O novo concelho: Carregal do Sal	17
<i>c)</i> Os extintos concelhos: Currelos	18
Oliveira do Conde	19
<i>d)</i> Conclusão	20
Capítulo III — O ASPECTO SÓCIO-ECONÓMICO E CULTURAL — ARTESANATO E CULINÁRIA	27
Capítulo IV — AS TRADIÇÕES — FOLCLORE E CULTURA	31
Capítulo V — A VILA SEDE DO CONCELHO E A FREGUESIA ...	37
<i>a)</i> As Origens do Nome Carregal do Sal	37
<i>b)</i> O Passado e o Presente — A Lenda de Dona Branca	39
<i>c)</i> Gentes — Paisagens e Monumentos	51
Capítulo VI — POR TERRAS DO CONCELHO	61
I. Freguesia de Oliveira do Conde	61
<i>a)</i> Oliveira do Conde	61
1. A Igreja Matriz e o Túmulo de Fernão Gomes de Gois	62
2. O Pelourinho	68
3. Os Antigos Senhores e os Solares	70

<i>b)</i> Travanca de S. Tomé	71
<i>c)</i> Cabriz (ou Cabrizes)	74
<i>d)</i> Alvarelhos	75
<i>e)</i> Carvalhais	77
<i>f)</i> Fiais da Telha	80
<i>g)</i> Vila Meã	82
<i>h)</i> Oliveirinha	83
<i>i)</i> Azenha	84
<i>j)</i> Albergaria	85
<i>l)</i> Conclusão	87
2. Freguesia de Beijós	90
<i>a)</i> Beijós	91
<i>b)</i> Pardieiros	95
<i>c)</i> Póvoa da Apegada	95
<i>d)</i> Póvoa de Lisboa	97
<i>e)</i> Póvoa de Entre-Ribeiros	99
3. Freguesia de Cabanas de Viriato	100
<i>a)</i> Cabanas de Viriato	101
<i>b)</i> Lacciras	106
4. Freguesia de Pápsios	109
<i>a)</i> Pápsios	109
<i>b)</i> Póvoa da Arnosa	112
<i>c)</i> Pinheiro	114
5. Freguesia de Parada	116
<i>a)</i> Parada	116
<i>b)</i> Póvoa de Santo Amaro	118
<i>c)</i> Póvoa das Forçadas	120
6. Freguesia do Sobral	122
EPÍLOGO	127
BIBLIOGRAFIA	133